

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**REAÇÕES COMPORTAMENTAIS E EMOCIONAIS À
INFIDELIDADE ROMÂNTICA:**

**Efeitos do método de descoberta, da satisfação relacional e
do estilo de vinculação**

Catarina Marques Paulo

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**Área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde - Psicoterapia Cognitiva-
Comportamental e Integrativa**

2019

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**REAÇÕES COMPORTAMENTAIS E EMOCIONAIS À
INFIDELIDADE ROMÂNTICA:**

**Efeitos do método de descoberta, da satisfação relacional e
do estilo de vinculação**

Catarina Marques Paulo

Dissertação orientada pelo Professor Doutor João Manuel Moreira

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**Área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde - Psicoterapia Cognitiva-
Comportamental e Integrativa**

2019

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao Professor Doutor João Manuel Moreira pela sua disponibilidade, paciência, dedicação, conselhos e sugestões. É certo que sem a sua ajuda este trabalho nunca teria sido possível.

Agradeço e dedico este trabalho aos meus pais e ao meu irmão que tornaram possível a realização deste sonho, e que sempre estiveram ao meu lado ao longo deste percurso. O meu sincero obrigada por me proporcionarem a oportunidade desta caminhada, e por serem o meu porto de abrigo em todas as partidas e chegadas.

Ao meu namorado, que sempre estive do meu lado ao longo desta caminhada. Pela sua paciência e pelo seu apoio e amor incondicional. Por me fazer sentir em casa nos seus braços.

À Dona Ana e ao Senhor Hélder por me fazerem sentir que tinha um lugar fora da minha casa, e por também tornarem este sonho possível.

Aos meus colegas e amigos da faculdade, que de uma maneira ou de outra tornaram esta experiência inesquecível. Um agradecimento especial e sincero à Mariana pelo seu apoio e companheirismo, que marcou este percurso de forma especial.

À minha terapeuta, por me ajudar a encontrar a motivação que precisei ao longo deste ano e por sempre me lembrar das minhas capacidades e potencial.

À minha família pelo seu apoio ao longo destes anos.

Aos meus animais de estimação, que tornaram os meus dias de escrita menos aborrecidos.

Por fim, um agradecimento especial a todos aqueles que se disponibilizaram para participar nesta investigação.

Resumo

O presente estudo procurou compreender a influência que o método de descoberta da infidelidade, a satisfação relacional e o estilo de vinculação podem ter sobre as reações comportamentais e emocionais a situações de infidelidade. Uma amostra de 164 participantes respondeu inicialmente a algumas questões acerca da sua experiência anterior com infidelidade, e à escala Experiências em Relações Próximas – Versão Reduzida. Em seguida, os participantes liam um dos oito cenários hipotéticos de infidelidade, através dos quais se manipulava a satisfação relacional com a relação existente e o método de descoberta da infidelidade, e eram solicitados a responder à Escala das Reações à Infidelidade, desenvolvida no âmbito deste estudo. Na resposta a esta escala, os participantes indicavam a probabilidade de realizarem cada um dos comportamentos e de sentirem cada um dos estados afetivos referidos, em resposta ao cenário que lhes tinha sido aleatoriamente atribuído. Os resultados sugerem que a satisfação relacional e o estilo de vinculação predizem significativamente distintas reações à infidelidade. Mais especificamente, a satisfação relacional prediz as reações comportamentais de expressão do afeto negativo e as reações emocionais de aversão e satisfação. Já a preocupação prediz as reações comportamentais de expressão do afeto negativo e de vingança, bem como as reações emocionais de desvalorização/humilhação, aversão e aflição. Por outro lado, a evitação prediz de forma significativa as reações comportamentais de investimento na relação e vingança. Para além disso, as reações emocionais à infidelidade medeiam os efeitos do estilo de vinculação e da satisfação nas reações de expressão do afeto negativo. No final, hipóteses explicativas dos resultados, limitações, sugestões e implicações clínicas são discutidas.

Palavras-chave: estilo de vinculação, *coping*, reações à infidelidade, satisfação relacional, método de descoberta da infidelidade

Abstract

The present study's objective was to understand the influence that the method of infidelity discovery, relationship satisfaction, and attachment style may have on behavioural and emotional reactions to infidelity situations. A sample of 164 participants began by answering a few questions about their previous experience with infidelity and to the portuguese version of the Experiences in Close Relationships – Short Version scale. Afterwards, the participants read one of eight hypothetical infidelity scenarios, where the satisfaction with the existing relationship and the method of infidelity discovery were manipulated, and were asked to respond to the Escala das Reações à Infidelidade (Reactions to Infidelity Scale), developed for this study. In this scale, participants reported on the likelihood of engaging in each behavior and feeling each of the affective states presented, in response to the scenario they were randomly assigned to. The results suggest that relationship satisfaction and attachment style significantly predict distinct reactions to infidelity. More specifically, relationship satisfaction predicts the behavioral reactions of negative affect expression, and the emotional reactions of disgust and satisfaction. Additionally, attachment anxiety predicts the behavioral reactions of negative affect expression and revenge, as well as the emotional reactions of worthlessness/humiliation, disgust and distress. On the other hand, attachment avoidance predicts the behavioral reactions of investment in the relationship and revenge. Furthermore, emotional reactions to infidelity were shown to mediate the effects of attachment style and relationship satisfaction on reactions of negative affect expression. In closing, explanatory hypothesis, limitations, suggestions and clinical implications are discussed.

Key-Words: attachment style, *coping*, reactions to infidelity, relational satisfaction, discovery method of infidelity

Índice

Introdução	1
Infidelidade como uma transgressão relacional	1
Reações comportamentais à infidelidade – O modelo de Rusbult e respostas comunicativas	2
Reações emocionais à infidelidade	4
O método de descoberta da infidelidade e as reações à infidelidade	5
Satisfação relacional e as reações à infidelidade	8
Estilo de vinculação e as reações à infidelidade	10
O presente estudo	12
Método	13
Amostra	13
Procedimento	13
Operacionalização das variáveis	14
Resultados	16
Estudo da dimensionalidade da Escala das Reações à Infidelidade	16
Teste de hipóteses	22
Discussão	27
Limitações	34
Sugestões para continuação da investigação	35
Implicações	35
Conclusão	36
Referências bibliográficas	37
Anexo A: Consentimento informado	44
Anexo B: Questionário sociodemográfico	46

Anexo C: Questionário acerca da experiência anterior com infidelidade	47
---	----

Índice de Quadros

Quadro 1 – Condições utilizadas nos cenários	14
Quadro 2 - Saturação dos itens da Escala de Reações à Infidelidade – Parte I nos fatores após rotação	17
Quadro 3 - Agrupamento de itens da Escala das Reações à Infidelidade – Parte I para cada subescala e respectivos valores de coeficiente de alfa de Cronbach	18
Quadro 4 - Saturação dos itens da Escala de Reações à Infidelidade – Parte II nos fatores após rotação	20
Quadro 5 - Agrupamento de itens da Escala das Reações à Infidelidade – Parte II para cada subescala e respectivos valores de coeficiente de alfa de Cronbach	21
Quadro 6 - Sumário das análises de regressão linear hierárquica das reações à infidelidade ..	24

Índice de Figuras

Figura 1 – Gráfico dos valores próprios obtido através da análise em componentes principais da Escala das Reações à Infidelidade – Parte I.	16
Figura 2 - Gráfico dos valores próprios obtido através da análise em componentes principais da Escala das Reações à Infidelidade – Parte II.	19

Introdução

A infidelidade como transgressão relacional

Embora as relações românticas sejam uma das muitas fontes de felicidade na vida das pessoas, são também frequentemente fonte de sentimentos dolorosos (Bachman & Guerrero, 2006; Gunderson & Ferrari, 2008). Tal acontece porque no processo de desenvolvimento e manutenção destas relações, é quase inevitável que as pessoas cometam algumas transgressões que prejudicam as relações e causam sofrimento às vítimas (Gunderson & Ferrari, 2008; van Monsjou et al., 2015). De acordo com Metts (1994), as transgressões são definidas como violações das regras explícitas ou implícitas de uma relação. Tendo em conta que a expectativa de exclusividade nas relações românticas é amplamente reconhecida, a infidelidade é considerada um protótipo de uma transgressão, sendo também uma das mais severas (Metts, 1994). Segundo Blow e Hartnett (2005) a infidelidade acontece quando um indivíduo que se encontra numa relação de compromisso se envolve em qualquer ato sexual e/ou emocional fora da relação primária, e esse ato constitui uma quebra da confiança e/ou violação de normas previamente estabelecidas (implícita ou explicitamente) no que toca à exclusividade romântica/emocional ou sexual, por um ou ambos os membros do casal.

A infidelidade pode ter consequências devastadoras, não só para a relação romântica (e.g., término da relação), mas também para os envolvidos, principalmente para a pessoa traída. Para além das feridas na autoimagem e na confiança pessoal e sexual (Charney & Parnass, 1995), os parceiros traídos perdem a confiança e a fé nos parceiros, bem como o sentimento de pertença a um laço único, no qual aspetos íntimos das suas vidas são partilhados apenas com o parceiro¹ (Boekhout, Hendrick, & Hendrick, 1999). Por outro lado, algumas relações conseguem sobreviver (e.g., Bastos, 2018), existindo até, em diversos estudos, relatos de um impacto positivo da infidelidade na relação primária (e.g., Boekhout et al., 1999). O desfecho da infidelidade é, assim, variável, sendo em grande parte influenciado pelas reações do parceiro traído (Donovan & Emmers-Sommer, 2012). Desta forma, torna-se importante perceber que variáveis podem influenciar essas reações, tendo em conta o seu papel no futuro da relação, e a importância das relações românticas para o bem-estar das pessoas (Boekhout et al., 1999). Neste sentido, o objetivo do presente estudo passa por aumentar o conhecimento acerca das variáveis contextuais que influenciam as reações à infidelidade.

Assim, e de modo a guiar o leitor, a estrutura da subsequente revisão de literatura será a seguinte: em primeiro lugar serão descritas as principais reações comportamentais e

¹ Ao longo do presente trabalho, por parceiro entende-se tanto indivíduos do sexo masculino como do feminino.

emocionais à infidelidade. Posteriormente, serão apresentadas algumas variáveis que a literatura sugere influenciarem as reações à infidelidade, e discutida a relação entre essas variáveis e as reações à infidelidade.

Reações comportamentais à infidelidade – O modelo de Rusbult e respostas comunicativas

De acordo com Donovan (2010) a literatura acerca das respostas comunicativas à infidelidade é restrita por duas razões. Por um lado, a investigação acerca das respostas comunicativas tem incluído a infidelidade num grupo mais vasto de eventos, como é o caso dos eventos dolorosos (e.g., Bachman & Guerrero, 2006) e das transgressões relacionais (e.g., Donovan, 2010; van Monsjou et al., 2015). Por outro lado, essa mesma investigação tem-se focado também no ciúme, assumindo-se uma ligação implícita entre o ciúme e a infidelidade (e.g., Guerrero, 1998; Donovan, 2010). Para além disso, os estudos acerca das reações à infidelidade focam-se maioritariamente em decisões de perdoar e/ou terminar a relação, ignorando todo um leque mais complexo e abrangente de possíveis reações (e.g., Shackelford, Buss & Bennett, 2002).

Com efeito, a literatura acerca das respostas à infidelidade sugere que estas variam largamente (Wang, King, & Debernardi, 2012) e afetam o futuro da relação (Donovan & Emmers-Sommer, 2012). De acordo com Rusbult e colaboradores (Rusbult & Zembrodt, 1983; Rusbult, Zembrodt & Gunn, 1982) as reações à insatisfação relacional, que pode ser consequência de infidelidade, podem ser agrupadas em quatro categorias: voz, lealdade, negligência e saída. Teoricamente, estas categorias diferem entre si em função de duas dimensões: construtiva/destrutiva e ativa/passiva (Rusbult & Zembrodt, 1983; Rusbult et al., 1982). De uma forma geral, as reações são ou construtivas ou destrutivas para a manutenção da relação e, simultaneamente, ativas (i.e., a pessoa está a fazer algo para resolver o problema) ou passivas (i.e., a pessoa não faz nada em relação ao problema; Rusbult & Zembrodt, 1983; Rusbult et al., 1982). Desta forma, *voz* (construtiva e ativa) envolve ativamente e construtivamente tentar melhorar a situação (e.g., sugerir soluções para o problema ou discutir o problema; Rusbult & Zembrodt, 1983; Rusbult et al., 1982). Já *lealdade* (construtiva e passiva) passa por permanecer passivamente leal à relação e esperar de forma otimista que as condições melhorem, suportando a situação sem partilhar a insatisfação com o parceiro ou fazer algo para mudar a situação (e.g., esperar e acreditar que as coisas vão mudar; Rusbult & Zembrodt, 1983; Rusbult et al., 1982). *Saída* (destrutiva e ativa) prende-se com terminar ativamente a relação ou comportar-se de forma ativamente destrutiva (e.g., agredir o parceiro ou terminar a relação). Por fim, *negligência* (destrutiva e passiva) envolve desinvestir da relação e deixá-la degradar-

se (e.g., ignorar o parceiro ou passar menos tempo com o parceiro; Rusbult & Zembrodt, 1983; Rusbult et al., 1982).

Mais recentemente, Bachman e Guerrero (2006), baseando-se em investigação empírica e na tipologia de Rusbult e colaboradores (Rusbult & Zembrodt, 1983; Rusbult et al., 1982), sugeriram que existem pelo menos sete tipos de respostas comunicativas a eventos dolorosos causados pelo parceiro relacional. Estes sete tipos de respostas comunicativas incluem três respostas construtivas – comunicação integrativa, reparação relacional e lealdade - que mantêm ou melhoram a relação, e quatro respostas destrutivas – desinvestimento, comunicação ofensiva, vingança e distanciamento ativo - que contribuem para a deterioração ou término da relação (Bachman & Guerrero, 2006). Semelhante à estratégia voz do modelo de Rusbult e colaboradores (Rusbult & Zembrodt, 1983; Rusbult et al., 1982), a *comunicação integrativa* envolve revelar sentimentos de uma forma não ameaçadora, com o intuito de resolver o problema (e.g., partilhar sentimentos de mágoa com o parceiro; Bachman & Guerrero, 2006). A *reparação relacional* tem como objetivo melhorar a relação, através de ações como ser mais carinhoso, romântico e lisonjeador (Bachman & Guerrero, 2006). Já o conceito de *lealdade* é consistente com o trabalho de Rusbult e colaboradores (Rusbult & Zembrodt, 1983; Rusbult et al., 1982), abrangendo comportamentos passivos e cooperativos como esperar e ter esperança de que a situação melhore (Bachman & Guerrero, 2006). Os comportamentos de *desinvestimento*, que têm por base comportamentos ativos e passivos das estratégias saída e negligência do modelo de Rusbult e colaboradores (Rusbult & Zembrodt, 1983; Rusbult et al., 1982), promovem o término ou o declínio da relação através de ações como deixar que as condições piorem e ameaçar terminar a relação (Bachman & Guerrero, 2006). *Comunicação ofensiva* diz respeito a ações que ameaçam a imagem do parceiro, como fazer acusações ou comentários ofensivos (Bachman & Guerrero, 2006). *Vingança*, como o nome sugere, prende-se com comportamento retaliatório (Bachman & Guerrero, 2006). Por fim, o *distanciamento ativo* é uma resposta não cooperativa que envolve fazer o parceiro sentir-se mal através da limitação do contacto, comunicação e afeto, e é ilustrada por comportamentos como ignorar o parceiro (Bachman & Guerrero, 2006). Embora a investigação empírica destes autores não se tenha focado concretamente sobre infidelidade, mas sim sobre eventos dolorosos, outros autores (e.g., Donovan, 2010; Donovan & Emmers-Sommer, 2012) alargaram o estudo das respostas comunicativas ao campo da infidelidade.

Ainda que as respostas comunicativas propostas por Bachman e Guerrero (2006) sejam bastante abrangentes, apenas são considerados comportamentos construtivos ou destrutivos para a relação (Bachman & Guerrero, 2006), podendo existir outro tipo de estratégias que

podem ser adotadas em resposta à infidelidade. Guerrero (1998), no seu estudo sobre a experiência e expressão do ciúme, sugere que existem formas de expressão do ciúme que nem sempre envolvem comunicação direta entre a pessoa ciumenta e o parceiro. São exemplos comportamentos de monitorização e contacto com rivais (Guerrero, 1998). Embora este estudo tenha tido como foco a expressão do ciúme, é possível pensar neste tipo de comportamentos como respostas à infidelidade. Neste sentido, Baker (2013) incluiu, na sua Escala de Respostas Comportamentais à Infidelidade comportamentos como começar a monitorizar a localização do parceiro ou agredir a pessoa com quem o parceiro foi infiel. Estes comportamentos podem ser inseridos nos comportamentos de monitorização e contacto com rivais, respetivamente. Ademais, no seu estudo qualitativo com vítimas de infidelidade, DeGroot (2014) concluiu que as estratégias de *coping* mais proeminentes face à descoberta de infidelidade foram a procura de apoio de familiares e amigos, espiritualidade, psicoterapia individual, participação em grupos de apoio e leitura de livros acerca de infidelidade, perdão e independência.

Reações emocionais à infidelidade

O estudo das reações emocionais à infidelidade foca-se num leque bastante restrito de reações, debruçando-se maioritariamente sobre o ciúme ou, nos casos em que o ciúme é considerado uma emoção compósita, sobre as emoções que o compõem (e.g., Becker, Sagarin, Guadagno, Millenovi & Nicastle, 2004). Não obstante, Shackelford, LeBlanc e Drass (2000) procuraram identificar um conjunto compreensivo de reações emocionais à infidelidade. Para tal, Shackelford et al. (2000), num primeiro estudo instruíram 53 participantes a nomearem possíveis reações emocionais face a cenários hipotéticos de infidelidade. Num segundo estudo, 655 participantes indicaram o quão provável seria sentirem cada uma das 103 emoções previamente listadas, face a cenários hipotéticos de infidelidade (Shackelford et al., 2000). Em seguida, procedeu-se a uma análise fatorial da qual foram extraídos 15 fatores: indesejado/inseguro, hostil/vingativo, deprimido, desamparado/abandonado, feliz, chocado, com náusea/repulsa, culpado, satisfeito/aliviado, humilhado, sexualmente excitado, cansado, homicida/suicida, ansioso e disposto a perdoar (Shackelford et al., 2000).

Em Portugal, Marcos (2014), baseando-se numa lista de 35 emoções passíveis de serem sentidas face a situações de infidelidade, extraiu 4 fatores, que incluem alguns dos identificados por Shackelford et al. (2000). Neste sentido, o primeiro fator engloba reações de desvalorização e é caracterizado por estados emocionais como inferior, indesejado, deprimido, sem valor, inadequado e desamparado (Marcos, 2014). O segundo fator aponta para reações de desilusão, abrangendo estados emocionais como desapontado, enganado, desiludido e traído (Marcos,

2014). O terceiro fator identificado por Marcos (2014) diz respeito a reações de hostilidade, que aglomeram estados emocionais como vingativo, rancoroso, com ódio, agressivo e com vontade de matar. Por fim, o quarto fator de Marcos (2014) remete para reações de satisfação e engloba emoções como satisfeito, alegre, contente e encantado.

Até à data, a grande maioria dos estudos acerca das reações à infidelidade, quer comportamentais quer emocionais, tem-se focado na compreensão da forma como o sexo dos participantes afeta as respostas à infidelidade (e.g., Becker et al., 2004; Miller & Maner, 2008). Não obstante, existem outras variáveis que se sabe influenciar estas respostas, nomeadamente o método de descoberta da infidelidade (e.g., Pettijohn & Ndoni, 2013), a satisfação relacional (e.g., Guerrero & Bachman, 2008) e o estilo de vinculação (e.g., Donovan, 2010). Em seguida, a relação destas variáveis com as reações à infidelidade será discutida.

O método de descoberta da infidelidade e as reações à infidelidade

Em 2001, Afifi, Falato e Weiner contribuíram de forma significativa para a literatura acerca da infidelidade, através do estudo da associação entre o método de descoberta da infidelidade e o desfecho do processo. De acordo com Afifi e colaboradores (2001) a essência do universo de métodos de descoberta da infidelidade é capturada por quatro tipos: (1) *descoberta não solicitada através de terceiros* representa os casos em que a vítima descobre acerca da infidelidade através de revelações não solicitadas de terceiros (i.e., outros contam acerca da infidelidade); (2) *descoberta em flagrante* reflete as situações em que a vítima se depara acidentalmente com o parceiro envolvido num ato de infidelidade; (3) *descoberta solicitada* captura as instâncias em que a vítima descobre acerca da infidelidade depois de confrontar o parceiro com suspeitas e questões acerca da sua fidelidade; e (4) *descoberta não solicitada através do parceiro* inclui os casos em que a pessoa que foi infiel o revela de forma não solicitada à vítima.

No seu estudo, Afifi et al. (2001) descobriram uma relação significativa entre estes quatro métodos de descoberta e as alterações na qualidade da relação e o perdão. Desta forma, a descoberta não solicitada através de terceiros é o método que mais deteriora a qualidade da relação e o que tem menor probabilidade de levar ao perdão, seguido pela descoberta em flagrante, descoberta solicitada e descoberta não solicitada através do parceiro (Afifi et al., 2001). Afifi et al. (2001) sugerem que esta relação se deve ao grau em que o método de descoberta ameaça a face² da pessoa que foi vítima da infidelidade, na medida em que quanto

² A identidade desejada ou a imagem que os indivíduos apresentam aos outros (Metts, 1997)

mais pública for a natureza da descoberta e quanto menores forem as oportunidades para a remediação imediata e efetiva da face da vítima (por parte do parceiro que foi infiel), maior o grau de ameaça. Assim, considerando que no método de descoberta não solicitada através de terceiros o conhecimento acerca da infidelidade é obviamente público e a pessoa que foi infiel não tem oportunidade de oferecer uma explicação imediata que remedie a face da vítima, este é considerado como o método associado a um maior grau de ameaça (Afifi et al., 2001). Por outro lado, a descoberta não solicitada através do parceiro muito provavelmente ocorre em privado e oferece ao transgressor a oportunidade de tentar desculpar-se e remediar a face da vítima, sendo este o método menos ameaçador (Afifi et al., 2001). Gunderson e Ferrari (2008) colocam ainda a hipótese de que as vítimas podem ver a revelação da infidelidade por parte do parceiro como uma tentativa de salvar a relação, tornando-os mais dispostos a ouvirem as explicações dos parceiros e mais inclinados a considerarem as suas perspetivas. Ao passo que quando as vítimas descobrem acerca da infidelidade através de terceiros ou porque apanham o parceiro em flagrante, tal pode fomentar pensamentos e emoções de vingança (Gunderson & Ferrari, 2008).

Já em termos de dissolução da relação primária, a relação esperada não se verificou, sendo que a descoberta não solicitada através do parceiro foi o método associado a uma menor percentagem de relações dissolvidas, seguido da descoberta não solicitada através de terceiros, descoberta em flagrante e descoberta solicitada (Afifi et al., 2001). Afifi et al. (2001) sugerem que estes resultados podem ser considerados à luz da literatura sobre ruminação cognitiva. Neste sentido, segundo Afifi et al. (2001) os métodos de descoberta mais prováveis de suscitar pensamentos ruminativos são a descoberta não solicitada através de terceiros, devido ao espaço de tempo entre a descoberta da infidelidade e a confrontação do parceiro, e a descoberta solicitada, uma vez que o pedido de solicitação é provavelmente precedido por suspeita e ruminação. A descoberta solicitada combina os efeitos nocivos da ruminação que antecede a solicitação, que provavelmente tem como foco a infidelidade e a omissão da mesma, e a mal preparada revelação da infidelidade por parte do parceiro (Afifi et al., 2001). Por outro lado, a ruminação que antecede a descoberta não solicitada através de terceiros foca-se, provavelmente, na veracidade da informação (Afifi et al., 2001). Numa tentativa de desacreditar defensivamente a informação, o parceiro torna mais salientes as características do transgressor, sendo que quando o transgressor é confrontado, a necessidade de consistência por parte do parceiro traído torna difícil a não consideração das qualidades do transgressor, facilitando a sobrevivência da relação (Afifi et al., 2001).

Até à data, e considerando os estudos que tiveram em conta o método de descoberta da infidelidade, o estudo de Afifi et al. (2001) foi o único que recorreu a uma amostra em que os sujeitos experienciaram infidelidade, por contraste com os restantes, que recorreram a cenários hipotéticos. É sobre estes últimos que recai o foco da posterior revisão. Tendo por base a tipologia de Afifi et al. (2001), Gunderson e Ferrari (2008) exploraram a relação entre o perdão e (a) o sexo da vítima de infidelidade, (b) o método de descoberta da infidelidade, (c) a frequência do comportamento de infidelidade, e (d) a presença ou não de um pedido de desculpa. Contrariamente ao esperado, o método de descoberta da hipotética transgressão sexual não se relacionou com a probabilidade de perdoar (Gunderson & Ferrari, 2008). Gunderson e Ferrari (2008) colocam várias hipóteses para este resultado, nomeadamente o facto de a maioria dos participantes não terem experiência real prévia com infidelidade, o que pode ter minimizado a importância do método de descoberta da infidelidade. Apontam ainda para a possibilidade de que, tendo em conta a importância dada à frequência e à presença ou não de um pedido de desculpa, o método de descoberta se torne pouco importante na decisão de perdoar, quando as vítimas descobrem que a infidelidade foi um incidente isolado ou quando recebem um pedido de desculpa por parte dos seus parceiros. Por fim, os cenários hipotéticos utilizados podem não ter sido vívidos o suficiente ou não possuir detalhe suficiente acerca do método de descoberta, tornando assim difícil para os participantes conceberem esses cenários (Gunderson & Ferrari, 2008).

Mais recentemente, e tendo também por base a tipologia de Afifi et al. (2001), Pettijohn e Ndoni (2013) estudaram a relação entre o método de descoberta da infidelidade, o comportamento específico de infidelidade, o perdão e a mágoa. Neste estudo, os autores optaram por expandir a categoria de “descoberta não solicitada através de terceiros” com o objetivo de incluir a identidade dessa terceira pessoa (melhor amigo do parceiro, amigo próximo da vítima ou estranho). Os resultados indicam que os participantes relataram mais mágoa e menor probabilidade de perdoar o parceiro quando imaginavam apanhar o parceiro em flagrante (Pettijohn & Ndoni, 2013). Por outro lado, imaginar descobrir acerca da infidelidade através de revelações não solicitadas de um estranho foi o cenário associado a menor mágoa e foi o método de descoberta mais provável de ser perdoado (Pettijohn & Ndoni, 2013). Pettijohn e Ndoni (2013) sugerem que esta diferença em relação ao estudo de Afifi et al. (2001) se pode dever à experiência com infidelidade, tal como sugerido por Gunderson e Ferrari (2008). Para além disso, Pettijohn e Ndoni (2013) referem ainda que o facto de ser um estranho a revelar a infidelidade pode levar a menos consequência sociais para a relação, na medida em que a infidelidade pode ser mantida em segredo entre os parceiros, a passo que quando um amigo

próximo ou um membro da família têm conhecimento acerca da infidelidade, mais pessoas para além do casal têm conhecimento da infidelidade, e estas podem julgar a relação e possivelmente partilhar esses julgamentos com o casal. Outra possível sugestão para este resultado, não contemplada pelos autores, é a de que imaginar o parceiro a ser infiel poderá ter um impacto emocional mais forte do que imaginar alguém a revelar a infidelidade, dado que tal é mais indireto e poderá levantar dúvidas.

Satisfação relacional e as reações à infidelidade

Tendo por base o Modelo do Investimento (Rusbult, 1980, 1983), vários estudos de Rusbult e colaboradores (Rusbult, Johnson & Morrow, 1986; Rusbult, Verette, Whitney, Slovik & Lipkus, 1991; Rusbult et al., 1982) se debruçaram sobre a relação entre o compromisso³, as bases da dependência e as respostas à insatisfação relacional. De forma sumária, de acordo com o Modelo do Investimento (Rusbult, 1980, 1983), o compromisso é determinado por três fatores ou bases da dependência – satisfação, qualidade das alternativas e investimento passado, na medida em que o compromisso é mais elevado quando a satisfação com a relação e o investimento passado são elevados e quando a qualidade das alternativas é baixa. A satisfação é determinada pelos ganhos e custos da relação, sendo a relação mais satisfatória quando vai de encontro às expectativas da pessoa, e quando proporciona mais ganhos do que custos (Rusbult, 1980, 1983). Já a qualidade das alternativas é baseada nos julgamentos em relação às opções disponíveis fora da relação (i.e., relações alternativas, não ter nenhuma relação; Rusbult, 1980, 1983). Por fim, o investimento diz respeito aos recursos investidos na relação, sendo que estes podem ser intrínsecos (e.g., intimidade ou envolvimento emocional) e/ou extrínsecos (e.g., casa do casal). Quando a relação termina, estes recursos investidos podem ser perdidos ou perder o seu valor (Rusbult, 1980, 1983).

A investigação tem demonstrado que as variáveis do Modelo do Investimento predizem o tipo de respostas à insatisfação relacional, isto é, as respostas saída, voz, lealdade e negligência (e.g., Rusbult et al., 1982). Neste sentido, no estudo de Rusbult et al. (1982) os participantes que estavam mais satisfeitos com a sua relação antes do surgimento de problemas relataram uma maior tendência para adotar estratégias construtivas (i.e., voz e lealdade) e uma menor tendência para adotar estratégias destrutivas (i.e., saída e negligência). Rusbult et al., (1986) obtiveram um resultado semelhante, no sentido em que maior satisfação antes do surgimento de problemas estava associada a uma menor tendência para reagir com saída e

³ O quão uma pessoa se sente vinculada ao parceiro e deseja permanecer na relação (Rusbult, 1980, 1983)

negligência, e uma maior tendência para adotar a estratégia voz. Contudo, neste estudo, a satisfação não foi consistentemente associada à lealdade (Rusbult et al., 1986).

Posteriormente, Rusbult et al. (1991) colocaram a hipótese de que o compromisso seria o determinante mais direto e imediato da acomodação (i.e., inibição da tendência para reagir de forma destrutiva e adotar reações construtivas quando o parceiro se envolve num ato potencialmente destrutivo para a relação; Rusbult et al., 1991), sendo o impacto das bases da dependência (satisfação, qualidade das alternativas e investimento) nos padrões de acomodação mediado através dos seus efeitos no compromisso, e não direto. Contudo, os resultados mostraram que a satisfação com a relação, para além do efeito indireto na disposição para a acomodação – através do papel mediador do compromisso – parece ter também um efeito direto, em que uma maior satisfação com a relação prediz uma maior tendência para a acomodação (Rusbult et al., 1991).

Considerando agora as respostas comunicativas propostas por Bachman e Guerrero (2006), no estudo de Guerrero e Bachman (2008), das três bases da dependência, a satisfação emergiu como o preditor mais forte e consistente do tipo de comunicação. Desta forma, indivíduos que relataram estar mais satisfeitos com a sua relação antes da ocorrência de uma transgressão relacional, também relataram serem mais propensos a utilizarem comunicação integrativa e menos propensos a utilizarem comportamentos de desinvestimento, comunicação ofensiva e distanciamento ativo (Guerrero & Bachman, 2008). Guerrero e Bachman (2008) propõem que níveis elevados de satisfação podem funcionar como um amortecedor quando as pessoas experienciam eventos não satisfatórios nas suas relações.

É importante considerar que nenhum dos estudos de Rusbult e colaboradores (Rusbult et al., 1986; Rusbult et al., 1991; Rusbult et al., 1982) se debruçou diretamente sobre a infidelidade, embora esse possa ter sido um dos eventos considerados pelos participantes aquando da resposta aos questionários. No estudo de Guerrero e Bachman (2008), os participantes consideraram três tipos de transgressões: infidelidade sexual, namoriscar (*flirting*) com uma pessoa fora da relação primária e mentir. Mais de metade dos participantes (63%) consideraram as transgressões infidelidade sexual e namoriscar com uma pessoa fora da relação primária, aquando da resposta aos questionários (Guerrero & Bachman, 2008), o que pode indicar que os resultados se baseiam, em grande parte, em situações de infidelidade, caso o namoriscar com uma pessoa fora da relação primária seja considerado pelos participantes como infidelidade. Em conformidade com esta hipótese, Guerrero e Bachman (2008) verificaram que a tendência para adotar comunicação ofensiva não diferiu entre os participantes que tiveram em

conta a transgressão de infidelidade sexual e os que consideraram namoriscar com uma pessoa fora da relação primária.

De salientar ainda que, embora o Modelo do Investimento (Rusbult, 1980, 1983) englobe outras variáveis para além da satisfação, os estudos supramencionados indicam que a satisfação parece ter um efeito direto sobre o tipo de respostas a eventos que possam ter um carácter destrutivo para a relação. Este foi o principal motivo pelo qual apenas esta variável do Modelo do Investimento (Rusbult, 1980, 1983) foi considerada no presente estudo, de modo a evitar um protocolo de recolha de dados demasiado extenso.

Estilo de vinculação e as reações à infidelidade

As experiências precoces com o cuidador são centrais no desenvolvimento dos modelos internos de organização do mundo – modelos do *self* e modelos do outro. Mais precisamente, devido à necessidade de proximidade da criança em relação ao seu cuidador, ela exhibe determinados comportamentos que encorajam esta proximidade, sendo que a responsividade do cuidador face a estes comportamentos influencia o desenvolvimento dos modelos internos (i.e., o estilo de vinculação; Bowlby, 1982). Segundo Bowlby (1973), estes modelos guiam as expectativas, crenças e atitudes acerca das figuras de vinculação e das experiências relacionais, e propulsionam o desenvolvimento psicológico dos indivíduos. Desta forma, e tal como sugerido pela literatura acerca da vinculação no adulto (e.g., Hazan e Shaver, 1987), o funcionamento do sistema de vinculação continua a influenciar o indivíduo para além da infância. Assim, à medida que o indivíduo cresce e se envolve em relações que envolvam dependência, os modelos de organização do mundo previamente desenvolvidos vão afetar esses relacionamentos futuros (Hazan & Shaver, 1987). É neste sentido que Hazan e Shaver (1987) conceptualizam o amor romântico como um processo de vinculação, sugerindo que este pode ser visto como um processo de ligação emocional através do qual se formam laços entre parceiros românticos, do mesmo modo que uma criança se torna emocionalmente ligada ao seu cuidador. Assim, tal como acontece com as crianças, o comportamento de vinculação inicia-se quando existe uma ameaça à relação e o indivíduo percebe a possibilidade de separação ou perda (Bowlby, 1982; Donovan, 2010; Donovan & Emmer-Sommer, 2012). Tendo em conta que o sistema de vinculação ajuda a pessoa a lidar com a ameaça, as reações a esta são impactadas pelo estilo de vinculação, sendo então a Teoria da Vinculação uma ótima lente conceptual para a compreensão das reações à infidelidade (van Monsjou et al., 2015; Wang et al., 2012).

Segundo Brennan, Clark, & Shaver (1998), as diferenças individuais na vinculação romântica podem ser organizadas em função de duas dimensões - “preocupação” que corresponde ao grau de ansiedade relativamente à rejeição e ao abandono, e “evitação”, que diz respeito ao grau de desconforto em relação à proximidade e dependência – que correspondem ao modelo do *self* e do outro respetivamente. Desta forma, indivíduos com elevados níveis de preocupação são caracterizados por percepções negativas em relação ao seu valor e competência, forte necessidade de aprovação por parte dos outros, e preocupação constante em relação à manutenção das relações (Brennan et al., 1998). Por outro lado, características típicas de indivíduos com elevados níveis de evitação incluem desejo excessivo por independência, relutância em depender dos outros, e percepções negativas em relação à bondade, dependência e confiabilidade dos outros (Brennan et al., 1998).

A investigação tem sugerido a existência de uma relação entre o estilo de vinculação, mais precisamente as dimensões “preocupação” e “evitação”, e as reações e respostas comunicativas à infidelidade (e.g., Donovan, 2010; Donovan & Emmers-Sommer, 2012; Poirier, 2014; Wang et al., 2012).

No estudo de Donovan e Emmers-Sommer (2012), face a situações hipotéticas de infidelidade, os participantes com evitação baixa (i.e., preocupados e seguros) referiram a utilização de comunicação construtiva e ativa com maior frequência, por comparação com participantes com evitação elevada (i.e., evitantes receosos e evitantes desligados). Por outro lado, os participantes com preocupação elevada (i.e., preocupados e evitantes receosos) relataram uma maior utilização de respostas comunicativas construtivas passivas, bem como de vingança, uma resposta comunicativa destrutiva (Bachman & Guerrero, 2006), por comparação com os participantes com baixa preocupação (i.e., seguros e evitantes desligados; Donovan & Emmers-Sommer, 2012).

Noutro estudo, Wang et al. (2012) verificaram que quanto mais elevados os níveis de preocupação, maior a tendência para mencionar responder com reações agressivas, face a um cenário de infidelidade romântica. Estas reações agressivas englobam respostas como “procurar vingança”, “espalhar boatos” ou “perturbar o parceiro no local de trabalho”, que podem ser consideradas como respostas destrutivas. No que diz respeito à dimensão de evitação, Wang et al. (2012) verificaram que quanto mais elevados os níveis de evitação, menor a tendência para referir a utilização de estratégias construtivas, face ao cenário de infidelidade romântica. Estes resultados parecem congruentes com os referidos por Donovan e Emmers-Sommer (2012).

No seu estudo, Poirier (2014), constatou que quanto mais altos os níveis de preocupação, maior a propensão para a aceitação da responsabilidade e para o evitamento, como resposta à

infidelidade do parceiro. De acordo com Folkman, Lazarus, Gruen e DeLongis (1986) a aceitação da responsabilidade passa pelo reconhecimento do papel que o indivíduo desempenha no problema, bem como pelo pedir desculpa ou fazer algo para compensar. Já o evitamento envolve comportamentos e pensamentos esperançosos que têm como objetivo evitar o confronto com o problema (Folkman et al., 1986). Por outro lado, quanto mais elevados os níveis de evitação, menor a tendência para procurar apoio, e maior a propensão para utilizar *coping* confrontativo e distanciamento, em resposta à infidelidade do parceiro. Segundo Folkman et al. (1986), o *coping* confrontativo consiste em formas agressivas de mudar a situação, enquanto que o distanciamento envolve minimizar a importância do evento e tentativas de desapego.

Embora o estudo de Poirier (2014) seja o único dos referidos que teve como foco experiências reais de infidelidade, os seus resultados vão ao encontro dos de Donovan e Emmers-Sommer (2012), bem como dos de Wang et al. (2012), estudos que se basearam em respostas a cenário hipotéticos de infidelidade. De uma forma geral, elevados níveis de preocupação parecem estar relacionados com a adoção de estratégias tanto construtivas como destrutivas, principalmente comportamentos retaliatórios. Já níveis elevados de evitação parecem estar associados a uma maior tendência para utilizar estratégias destrutivas face à infidelidade, real ou hipotética, do parceiro.

O presente estudo

Ainda que a literatura supramencionada permita compreender alguns dos fatores que podem contribuir para a variabilidade das reações à infidelidade, é certo que os estudos neste âmbito têm sido relativamente escassos. Desta forma, o presente estudo procura expandir a literatura existente acerca desta temática, explorando a possível influência (a) do método de descoberta da infidelidade, (b) da satisfação relacional e (c) do estilo de vinculação sobre as reações à infidelidade. Assim, e tendo por base a literatura referida anteriormente, colocam-se as seguintes hipóteses genéricas:

Hipótese Genérica 1: O método de descoberta, a satisfação relacional e o estilo de vinculação vão influenciar as reações emocionais e comportamentais à infidelidade.

Hipótese Genérica 2: O método de descoberta, a satisfação relacional e o estilo de vinculação vão influenciar as reações emocionais, que por sua vez, vão influenciar as reações comportamentais, num processo de mediação.

Método

Amostra

A amostra do presente estudo foi constituída por 164 participantes, com idades compreendidas entre os 18 e os 64 anos ($M = 29.50$; $DP = 9.97$), dos quais 121 (73.8%) pertenciam ao sexo feminino. Considerando o grau de escolaridade, 1.8% dos participantes tinham obtido o 2º Ciclo, 11% o 3º Ciclo, 29.9% o Ensino Secundário, 42.1% uma Licenciatura e 15.2% um Mestrado.

No que diz respeito ao estatuto relacional, 32.9% dos participantes encontravam-se numa relação de namoro sem coabitação, 20.1% numa relação de coabitação, 17.1% eram casados e 29.9% não estavam na altura envolvidos numa relação amorosa. Destes últimos, 85.7% já tinham estado envolvidos em pelo menos um relacionamento amoroso. A duração das relações dos participantes que de momento de encontravam numa relação variava entre .08 e 40.17 anos ($M = 8.00$; $DP = 8.50$).

Considerando agora apenas os indivíduos que estavam ou já tinham estado envolvidos numa relação amorosa, 42% admitiram ter conhecimento de que o seu parceiro atual ou algum dos seus parceiros anteriores lhes tinha sido infiel. Relativamente ao método de descoberta da infidelidade 29.2% referiram ter descoberto através de outra pessoa (descoberta não solicitada através de terceiros), 23.1% descobriram acidentalmente o parceiro a ser infiel (descoberta em flagrante), 24.6% descobriram após terem confrontado o parceiro (descoberta solicitada), 9.2% referiram ter descoberto através da revelação do parceiro sem que este tivesse sido questionado (descoberta não solicitada através do parceiro), e 13.8% referem ter descoberto através de outros métodos. Note-se que alguns destes outros métodos poderiam enquadrar-se na categorização proposta por Afifi et al. (2001), contudo os participantes não foram explícitos o suficiente para tornar isso possível (e.g., “desconfiei e procurei”).

Procedimento

Inicialmente, e após a leitura do consentimento informado (ver Anexo A), os participantes eram solicitados a fornecer alguns dados sociodemográficos (ver Anexo B) e a responder a algumas questões acerca da sua experiência prévia com infidelidade (ver Anexo C). Em seguida, procedia-se ao preenchimento da Escala Experiências em Relações Próximas – Versão Reduzida (Moreira et al., 2006). No passo seguinte, um dos oito cenários hipotéticos de infidelidade (ver Quadro 1), determinado aleatoriamente, era apresentado, sendo depois solicitada a resposta à Escala das Reações à Infidelidade com base nesse cenário.

Operacionalização das variáveis

Cenários. Para o presente estudo foram desenvolvidos oito cenários que remetem para a descoberta de uma situação de infidelidade. O desenvolvimento dos cenários teve por base a revisão da literatura e os cenários utilizados em outros estudos (e.g., Gunderson & Ferrari, 2008). Nestes cenários, o método de descoberta da infidelidade e a satisfação com a relação foram manipulados em conformidade com os objetivos do presente estudo (ver Quadro 1). Desta forma, a primeira parte do cenário era igual para todos os participantes, enquanto que a segunda parte diferia em função das características da relação hipotética (relação satisfatória ou não satisfatória) e da forma como a pessoa descobre acerca da infidelidade, sendo que a tipologia dos métodos de descoberta considerada é a sugerida por Afifi et al. (2001) – descoberta não solicitada através de terceiros, descoberta em flagrante, descoberta solicitada e descoberta não solicitada através do parceiro.

Quadro 1

Condições utilizadas nos cenários

Todos os cenários:

Independentemente de se encontrar ou não numa relação amorosa e das características dessa relação, imagine que está numa relação romântica com a qual ...

Satisfação:

... **está satisfeito(a), que valoriza e deseja manter.**

... **não está satisfeito(a), que valoriza pouco e sobre a qual tem dúvidas se a deseja manter.**

Método de descoberta:

A dada altura, **um amigo ou amiga comum a si e ao seu/sua parceiro(a) conta-lhe que o(a) seu/sua parceiro(a) lhe estava a ser infiel.** Esta pessoa contou-lhe porque acredita que é o melhor para si.

A dada altura, **descobre acidentalmente o(a) seu/sua parceiro(a) a ser-lhe infiel.**

A dada altura, **começa a desconfiar que o(a) seu/sua parceiro(a) lhe estava a ser infiel. Quando o(a) questiona, ele(a) admite ser verdade.**

A dada altura, **o(a) seu/sua parceiro(a) confessa ter-lhe sido infiel. O(a) seu/sua parceiro(a) revela-lhe este facto espontaneamente, sem que você o(a) tivesse questionado.**

Escala das Reações à Infidelidade. Com o intuito de avaliar as reações comportamentais e emocionais aos cenários hipotéticos de infidelidade foi desenvolvida para este estudo a Escala das Reações à Infidelidade. A Parte I desta escala é constituída por 29 itens que representam possíveis reações comportamentais (e.g., “Esperar e ter esperança que as

coisas melhorem” ou “Envolver-me com outra pessoa”). Estes itens foram elaborados a partir de uma revisão da literatura sobre as reações e as respostas comunicativas a transgressões relacionais, inclusive a infidelidade (Bachman & Guerrero, 2006; Baker, 2013; DeGroot, 2014; Rusbult & Zembrodt, 1983; Rusbult et al., 1982;). Já a Parte II é constituída por 25 itens que ilustram possíveis reações emocionais à infidelidade (e.g., “Desamparado” e “Aliviado”), tendo sido construída com base na lista de possíveis reações emocionais face a cenários hipotéticos de infidelidade de Shackelford et al. (2000), bem como no Questionário de Reações à Infidelidade do Parceiro (Marcos, 2014). Para a construção de ambas as partes da escala, os diversos estudos e escalas analisados foram comparados, de forma a obter um conjunto de itens não muito extenso, mas suficientemente compreensivo e representativo do universo das reações à infidelidade.

Nas instruções, é pedido aos participantes que indiquem a probabilidade de realizarem cada um dos comportamentos e de sentirem cada um dos estados afetivos e emoções referidos, em resposta ao cenário previamente apresentado. Neste sentido, cada item é avaliado numa escala de cinco pontos, em que 1 corresponde a “Nada Provável” e 5 a “Com toda a certeza”.

Experiências em Relações Próximas – Versão Reduzida. O estilo de vinculação romântica foi avaliado através da escala Experiências em Relações Próximas – Versão Reduzida, que consiste numa forma reduzida da versão portuguesa (Moreira et al., 2006) do *Experiences in Close Relationships* (Brennan et al., 1998). Esta versão reduzida foi já utilizada em diversos estudos, com resultados psicométricos aceitáveis (e.g., Marcos, 2014). É um instrumento de autorrelato que visa avaliar as duas principais dimensões subjacentes às diferenças individuais no estilo de vinculação do adulto - a preocupação e a evitação.

A versão utilizada no presente estudo é constituída por 12 itens, dos quais 6 avaliam a dimensão de evitação (e.g., “Prefiro não ser muito próximo/a do meu parceiro/a”) e os restantes 6 medem a dimensão de preocupação (e.g., “Fico ressentido/a quando o/a meu/minha parceiro/a passa tempo longe de mim”), sendo que cada item é avaliado numa escala de Likert de 1 (“Discordo Fortemente”) a 7 (“Concordo Fortemente”). Considerando a consistência interna das escalas, no presente estudo obteve-se um alfa de Cronbach de .76 para a escala de Preocupação e de .80 para a escala de Evitação.

Resultados

Estudo da Dimensionalidade da Escala das Reações à Infidelidade

Com o intuito de estudar a dimensionalidade de ambas as partes da Escala das Reações à Infidelidade, recorreu-se ao método da análise em componentes principais, seguido de uma rotação Varimax. Considerando em primeiro lugar a Escala das Reações à Infidelidade – Parte I, verificou-se que tanto o valor do índice KMO (.85), como o valor do teste de Barlett ($\chi^2 = 2053.53$, $p < .000$) sugerem que a condução da análise fatorial é adequada.

Para seleccionar o número de fatores que melhor se adequa aos dados recorreu-se ao critério de Kaiser (i.e., fatores que apresentam um valor próprio superior a 1) e à análise do ponto de inflexão do gráfico de valores próprios (Figura 1).

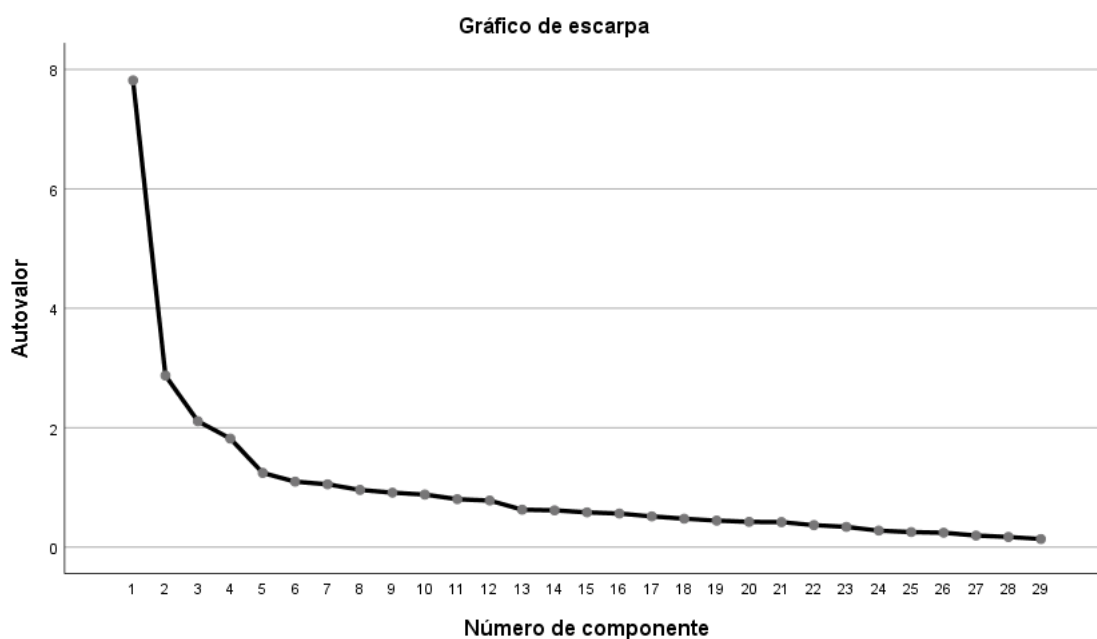


Figura 1. Gráfico dos valores próprios obtido através da análise em componentes principais da Escala das Reações à Infidelidade – Parte I.

O critério de Kaiser sugere uma solução de sete fatores, enquanto que a análise do ponto de inflexão do gráfico de valores próprios sugere uma solução de quatro fatores. Para compreender qual destas seria a melhor solução, procedeu-se a uma análise da saturação dos itens para cada uma das soluções. Assim, e embora a percentagem de variância explicada pela solução de sete fatores seja mais elevada do que a explicada pela solução de quatro fatores, três dos sete fatores seriam representados apenas por um item da escala, tendo-se por isso optado por considerar quatro dimensões que explicam 50.4% da variância.

No Quadro 2, são apresentadas as saturações dos itens nas quatro dimensões.

Quadro 2

Saturação dos itens da Escala de Reações à Infidelidade – Parte I nos fatores após rotação

Itens	Fatores			
	1	2	3	4
1 – Envolver-me com outra pessoa	.10	-.13	.07	.67
2 – Tentar conversar com o(a) meu/minha parceiro(a) para chegarmos a uma solução	.48	.08	.41	-.11
3 – Terminar o relacionamento	-.79	-.00	.01	.10
4 – Perdoar o(a) meu/minha parceiro (a)	.54	.08	.31	.20
5 – Deixar que a relação se desmorone	-.40	.06	.21	.25
6 – Procurar terapia de casal	.33	.43	.21	-.13
7 – Começar a sair com outras pessoas	-.20	.02	-.02	.69
8 – Ser paciente e ver o que acontece	.70	-.02	.05	.19
9 – Tentar provocar ciúmes ao(à) meu/minha parceiro(a)	.32	.32	.03	.52
10 – Partilhar os meus sentimentos com o(a) meu/minha parceiro(a)	.26	.11	.59	-.08
11 – Passar menos tempo com o(a) meu/minha parceiro(a)	-.58	.16	-.08	.19
12 – Trabalhar para melhorar a relação	.85	.10	.23	-.02
13 – Fazer comentários ofensivos em relação ao(à) meu/minha parceiro(a)	-.13	.66	-.11	.28
14 – Tentar ser mais romântico(a) em relação ao(à) meu/minha parceiro(a)	.83	-.06	-.00	.01
15 – Chorar	-.23	.74	.14	-.15
16 – Criar um perfil num site de encontros	.02	.16	-.17	.50
17 – Questionar calmamente o(a) meu/minha parceiro(a) acerca da infidelidade	-.05	.01	.74	.24
18 – Fazer o(a) meu/minha parceiro(a) sentir-se culpado(a)	-.26	.61	.05	.22
19 – Esperar e ter esperança que as coisas melhorem	.76	.13	.12	.12
20 – Procurar apoio dos meus amigos e/ou familiares	-.33	.46	.16	-.10
21 – Deixar de me envolver fisicamente com o(a) meu/minha parceiro(a)	-.60	.16	.09	.02
22 – Dizer ao(à) meu/minha parceiro(a) que devemos começar a sair com outras pessoas	-.23	.04	.12	.51
23 – Passar mais tempo com o(a) meu/minha parceiro(a)	.86	-.02	.14	-.07
24 - Começar a monitorizar a localização do(a) meu/minha parceiro(a)	.28	.49	-.11	.16
25 – Ignorar o(a) meu/minha parceiro(a)	-.62	.22	-.41	.15
26 – Conversar com o(a) meu/minha parceiro(a) acerca da nossa relação	.22	.06	.78	-.04
27 – Deixar de conversar com o(a) meu/minha parceiro(a) acerca de assuntos pessoais	-.59	.16	-.25	.18
28 – Agir de forma mais afetuosa em relação ao(à) meu/minha parceiro(a)	.83	-.05	.01	-.08
29 - Agredir a pessoa com quem o/a meu/minha parceiro/a me foi infiel	.20	.36	-.37	.01

Nota. Saturações >.50 estão assinaladas a negrito.

Repare-se que os itens 2, 5, 6, 20, 24 e 29 não apresentam uma saturação elevada ($> .50$) em nenhuma das quatro dimensões, tendendo a ter saturações próximas em mais do que um fator. Por essa razão, não foram considerados na construção das subescalas. Através da análise do Quadro 2 verifica-se que o primeiro fator é caracterizado por respostas que envolvem investimento (e.g., “Trabalhar para melhorar a relação”) ou desinvestimento na relação (e.g., “Deixar de me envolver fisicamente com o meu parceiro”), tendo por esta razão sido denominado por “investimento”. O segundo fator, denominado “expressão do afeto negativo” é composto por respostas que remetem para ações que ameaçam a imagem do parceiro, que parecem ser um reflexo do afeto negativo experienciado (e.g., “Fazer o meu parceiro sentir-se culpado”). Já o terceiro fator abarca respostas comunicativas que envolvem conversar calmamente acerca da situação de infidelidade e da relação, e partilhar sentimentos de uma forma não ameaçadora, (e.g., “Questionar calmamente o meu parceiro acerca da infidelidade”), à semelhança daquilo que Rusbult e colaboradores (Rusbult & Zembrodt, 1983; Rusbult et al., 1982) definiram como voz, tendo por isso sido adotada essa mesma denominação. Por fim, as respostas comunicativas que remetem para a retribuição, de forma semelhante, daquilo que foi feito, são características do quarto fator (e.g., “Tentar provocar ciúmes ao meu parceiro”), denominado “vingança”.

O Quadro 3 apresenta o resultado final da análise da dimensionalidade da Escala das Reações à Infidelidade – Parte I, juntamente com o alfa de Cronbach associado a cada uma das subescalas. Note-se que em todas as subescalas, a remoção de itens não levava ao aumento da consistência interna. É importante referir que tendo em conta que os itens 3, 11, 21, 25 e 27 apresentam uma saturação negativa, estes itens foram invertidos para o cálculo da fiabilidade e do somatório da subescala Investimento.

Quadro 3

Agrupamento de itens da Escala das Reações à Infidelidade – Parte I para cada subescala e respetivos valores de coeficiente de alfa de Cronbach

Fator	Itens	Alfa de Cronbach
1 – Investimento	3, 4, 8, 11, 12, 14, 19, 21, 23, 25, 27 e 28	.92
2 – Expressão do afeto negativo	13, 15 e 18	.65
3 – Voz	10, 17 e 26	.66
4 – Vingança	1, 7, 9, 16 e 22	.56

Considerando agora a Escala das Reações à Infidelidade – Parte II, verificou-se que tanto o valor do índice KMO (.88), como o valor do teste de Barlett ($\chi^2 = 2001.65$, $p < .000$) sugerem que a condução da análise fatorial é adequada.

Para selecionar o número de fatores que melhor se adequa aos dados recorreu-se novamente ao critério de Kaiser e à análise do ponto de inflexão do gráfico de valores próprios (Figura 2).

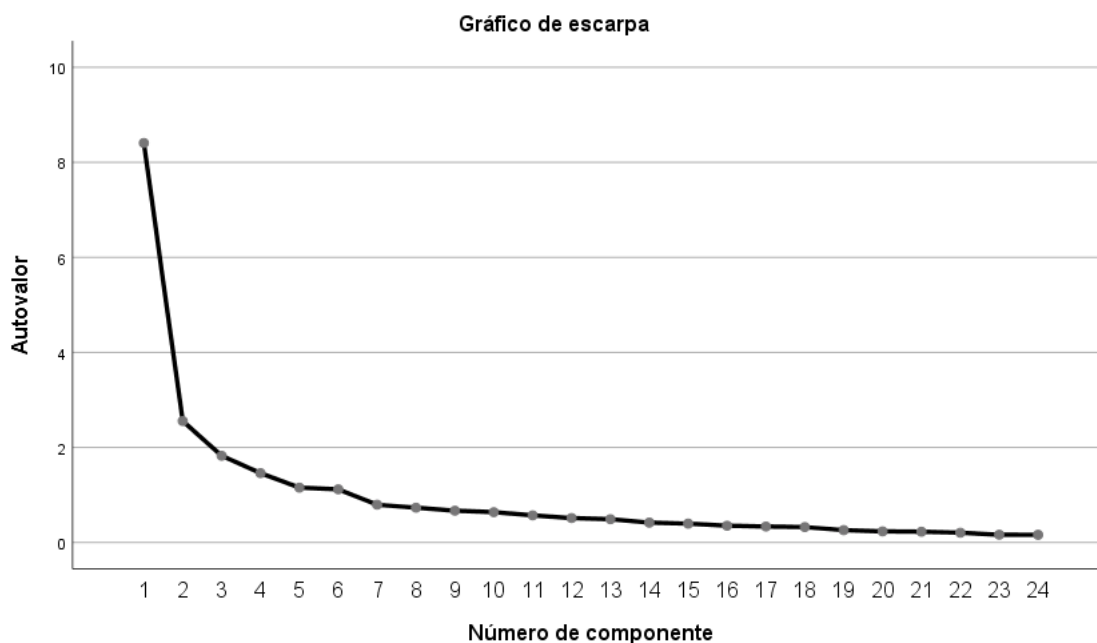


Figura 2. Gráfico dos valores próprios obtido através da análise em componentes principais da Escala das Reações à Infidelidade – Parte II.

Neste caso, tanto o critério de Kaiser como a análise do ponto de inflexão do gráfico de valores próprios sugerem uma solução de seis fatores que explicam 68.8% da variância.

No Quadro 4, são apresentadas as saturações dos itens nas seis dimensões.

Quadro 4

Saturação dos itens da Escala de Reações à Infidelidade – Parte II nos fatores após rotação

Itens	Fatores					
	1	2	3	4	5	6
1 – Desamparado(a)	.36	.40	-.41	.38	.16	.05
2 – Culpado(a)	.15	-.07	-.00	.82	-.07	.03
3 – Envergonhado(a)	.56	.16	.01	.26	.00	-.26
4 – Aliviado(a)	-.13	.01	.82	.08	.08	-.16
5 – Satisfeito(a)	-.21	-.04	.87	.01	-.01	-.04
6 – Com repulsa	-.03	.80	-.09	.21	.09	-.02
7 – Desesperado(a)	.36	.38	-.10	.61	.07	.28
8 – Alegre	-.10	-.23	.80	-.08	.00	.09
9 – Com vontade de matar	.08	.08	-.06	.12	-.02	.88
10 – Desiludido(a)	.22	.65	-.47	-.00	.01	-.06
11 – Encantado(a)	.07	-.18	.68	-.21	.04	-.03
12 – Com ódio	.42	.61	-.12	.01	-.04	.40
13 – Inseguro(a)	.41	.28	-.15	.67	.04	.01
14 – Sem valor	.62	.19	.01	.52	.15	.08
15 – Com raiva	.47	.68	-.25	.11	.04	.14
16 – Com náusea	.36	.67	.01	.09	-.05	.09
17 – Chocado(a)	.14	.28	.03	.02	.82	.06
18 – Triste	.33	.54	-.44	-.02	.28	-.05
19 – Vingativo(a)	.18	.24	-.11	-.01	-.85	.15
20 – Inferior	.65	.09	-.17	.16	.13	.18
21 – Agressivo(a)	.66	.17	.03	.17	-.05	.24
22 – Deprimido(a)	.57	.26	-.23	-.01	.51	.22
23 – Humilhado(a)	.69	.25	-.23	.09	-.08	-.09
24 – Indesejado(a)	.77	.15	-.19	.17	-.03	.02

Nota. Saturações >.50 estão assinaladas a negrito.

Tendo em conta que o item 1 não apresenta uma saturação elevada ($> .50$) em nenhum dos fatores, estando dividido por vários, este não foi considerado na construção das subescalas. Analisando o Quadro 4, constata-se que o primeiro fator é maioritariamente caracterizado por respostas emocionais de desvalorização (e.g., “Inferior” e “Sem Valor”) e humilhação (e.g., “Envergonhado” e “Humilhado”), sendo por isso denominado por “desvalorização/humilhação”. Já o segundo fator engloba, em grande parte, respostas emocionais de natureza aversiva em relação ao outro (e.g., “Com repulsa” e “Com raiva”), tendo por esta razão sido denominado “aversão”. O terceiro fator é composto por respostas emocionais de satisfação (e.g., “Satisfeito” e “Alegre”), à semelhança do fator Satisfação sugerido por Marcos (2014), tendo por esse motivo essa mesma denominação. O quarto fator é representado por respostas emocionais de aflição (e.g., “Inseguro” e “Desesperado”), sendo por essa razão denominado por “aflição”. O quinto fator, denominado de “vingança” é caracterizado por respostas emocionais relacionadas com vingança (e.g., “Chocado” e “Vingativo”), variando estas respostas em função da passividade. Por fim, o sexto fator, denominado por “homicida”, uma vez que é representado apenas pelo item “Com vontade de matar”.

No Quadro 5 consta o resultado final da análise da dimensionalidade da Escala das Reações à Infidelidade – Parte II, juntamente com o alfa de Cronbach associado a cada uma das subescalas.

Quadro 5

Agrupamento de itens da Escala das Reações à Infidelidade – Parte II para cada subescala e respetivos valores de coeficiente de alfa de Cronbach

Fator	Itens	Alfa de Cronbach
1 – Desvalorização/Humilhação	3, 14, 20, 21, 22, 23 e 24	.85
2 – Aversão	6, 10, 12, 15, 16 e 18	.86
3 – Satisfação	4, 5, e 8	.83
4 – Aflição	7 e 13	.79
5 – Vingança	17 e 19	.67
6 – Homicida	9	---

Note-se que os itens 17 e 19 têm saturações com valências opostas. Por isso, o item 17 foi invertido para o cálculo da pontuação da subescala Vingança. Os itens 2 e 11 não foram considerados na construção das subescalas, uma vez que a sua remoção leva ao aumento da consistência interna das subescalas a que foram atribuídos.

Considerando que o estudo da dimensionalidade permite perceber quais são as variáveis que estão a ser medidas através da Escala das Reações à Infidelidade, foram formuladas

hipóteses mais específicas tendo por base essas variáveis. Note-se que a formulação destas hipóteses se apoiou, sempre que possível, na literatura existente.

Hipótese 1: Os métodos de descoberta que comportam um maior grau de ameaça à face da vítima de infidelidade propiciarão:

- (a) Menos reações de investimento e voz
- (b) Mais reações comportamentais de expressão do afeto negativo e vingança e mais reações emocionais de desvalorização/humilhação e aversão

Hipótese 2: Maior satisfação com a relação motivará:

- (a) Mais reações comportamentais de investimento, voz e expressão do afeto negativo e mais reações emocionais de aversão e vingança
- (b) Menos reações comportamentais de vingança e menos reações emocionais de satisfação

Hipótese 3: Maiores níveis de preocupação propiciarão:

- (a) Mais reações comportamentais de investimento, expressão do afeto negativo e vingança e mais reações emocionais de desvalorização/humilhação e de aflição.

Hipótese 4: Maiores níveis de evitação propiciarão:

- (a) Menos reações comportamentais de investimento e voz.
- (b) Mais reações emocionais de satisfação.

Teste de Hipóteses

Com o intuito de testar as hipóteses, foi conduzida uma série de análises de regressão hierárquica. Nesta série de análises, as variáveis sexo, idade, experiência relacional (i.e., se o participante já esteve envolvido em pelo menos uma relação romântica ou não), experiência com infidelidade (i.e., se o participante teve conhecimento de que o seu parceiro atual ou algum dos seus parceiros anteriores lhe foi infiel), duração da relação, grau de escolaridade e estatuto relacional foram inseridas na primeira etapa da análise para controlar os seus efeitos. Já na segunda etapa foram inseridas as variáveis do estilo de vinculação (evitação e preocupação), a satisfação relacional e o método de descoberta.

Dada a natureza das variáveis grau de escolaridade, estatuto relacional e método de descoberta, estas foram inseridas recorrendo à codificação *dummy*, seguindo as indicações de

Cohen, Cohen, West e Aiken (2003; i.e., o grupo de referência deve permitir uma comparação útil, deve ser bem definido e a amostra que o representa não deve ser demasiado pequena por comparação com os outros grupos). Neste sentido, o grupo de referência selecionado para a variável “grau de escolaridade” foi o grupo de participantes que adquiriram o grau de Licenciatura. Já no caso do estatuto relacional, o grupo de referência foi o dos participantes que não se encontravam numa relação romântica. Por fim, o grupo de referência selecionado para o método de descoberta foi o grupo de participantes a quem foi atribuído um cenário em que a infidelidade foi revelada por parte do parceiro de forma não solicitada.

No Quadro 6 são apresentados os resultados das análises de regressão hierárquicas para cada uma das variáveis de reações à infidelidade. Através da análise do mesmo, é possível verificar que nenhuma das variáveis *dummy* que resultaram da codificação da variável “método de descoberta” surge como um preditor significativo das reações de investimento, de expressão do afeto negativo, de vingança, de desvalorização/humilhação e de aversão. Desta forma, a Hipótese 1 não é apoiada. Estes resultados sugerem que, ou a variável “método de descoberta” não tem um impacto sobre as reações à infidelidade, ou então a manipulação desta variável através dos cenários criados não teve a eficácia desejada, por razões que serão abordadas na discussão.

No caso da satisfação, esta parece predizer de forma significativa, e no sentido esperado, a expressão do afeto negativo ($\beta > 0$), aversão ($\beta > 0$) e satisfação ($\beta < 0$). Contudo, não surge como um preditor significativo das reações de investimento, voz e vingança (tanto comportamental como emocional). Desta forma, os resultados apoiam parcialmente a Hipótese 2.

No que à preocupação diz respeito, esta surge como um preditor positivo significativo das reações de expressão do afeto negativo, vingança (comportamental), desvalorização/humilhação e aflição, tal como esperado. Já no caso das reações comportamentais de investimento a preocupação, não surgiu como um preditor significativo. Desta forma, a Hipótese 3 é parcialmente apoiada pelos dados. Ademais, e embora não se tenha desenvolvido hipóteses acerca influência da preocupação nas reações emocionais de aversão, verifica-se que a preocupação surge como um preditor positivo e significativo dessas reações.

Quadro 6

Sumário das análises de regressão linear hierárquica das reações à infidelidade

Reações à Infidelidade	R ² Passo 1	ΔR ²	Coeficiente Beta					
			Evitação	Preocupação	Satisfação relacional	Descoberta solicitada através do parceiro	Descoberta em flagrante	Descoberta não solicitada através de terceiros
Investimento	.19**	.04	.18*	-.02	.01	-.17	.05	-.03
Expressão negativa do afeto	.23**	.06	.01	.19*	.15*	-.02	-.01	-.10
Voz	.11	.04	-.06	.04	-.14	-.13	.04	.04
Vingança	.10	.09*	.19*	.18*	-.06	.01	.14	-.02
Desvalorização/Humilhação	.15*	.11*	.12	.28**	.10	-.03	-.05	-.12
Aversão	.14*	.08*	-.06	.17*	.21*	.09	-.01	-.10
Satisfação	.13*	.06	.09	-.10	-.21**	-.14	.04	.02
Aflição	.07	.08	.09	.17*	.13	-.16	-.13	-.07
Vingança (Emoção)	.13*	.02	-.01	-.09	.08	-.04	.03	.01
Homicida	.12	.02	-.04	.03	.14	.04	-.03	-.04

Nota. * $p < .05$. ** $p < .01$.

Já a evitação surge como um preditor significativo do investimento, embora essa predição não aconteça no sentido esperado. Em relação às reações de voz e às reações emocionais de satisfação, a evitação não surge como um preditor significativo. Assim, a Hipótese 4 não é apoiada pelos dados. Não obstante, e apesar de não ter sido desenvolvida nenhuma hipótese acerca da relação entre a evitação e as reações comportamentais de vingança, pela análise do Quadro 6 é possível verificar que a evitação prediz de forma positiva e significativa as reações comportamentais de vingança.

Embora nenhuma hipótese tenha sido colocada acerca da influência das variáveis que foram controladas no passo inicial das regressões, são de mencionar alguns efeitos. A experiência com infidelidade surgiu como um preditor positivo e significativo das reações de investimento ($\beta = .17, t = 2.06, p = .042$). Já o sexo⁴ ($\beta = -.18, t = -2.28, p = .024$) e a idade ($\beta = -.19, t = 2.01, p = .046$) parecem influenciar, de forma negativa, as reações de expressão do afeto negativo. Ademais, a idade parece influenciar as reações de desvalorização/humilhação ($\beta = -.28, t = 2.84, p = .005$) e de aversão ($\beta = -.26, t = 2.55, p = .012$). Finalmente, a duração da relação ($\beta = -.35, t = 3.46, p = .001$) parece ter um efeito negativo sobre as reações emocionais de satisfação.

Considerando agora as hipóteses genéricas, a Hipótese Genérica 1 postula que o método de descoberta, a satisfação relacional e o estilo de vinculação vão influenciar as reações emocionais e comportamentais à infidelidade. De uma forma geral, e tendo em conta as análises e os resultados já descritos, é possível afirmar que esta hipótese é parcialmente apoiada. Embora a manipulação do método de descoberta não tenha mostrado influenciar significativamente as reações comportamentais e emocionais, os resultados sugerem que a satisfação relacional e as variáveis do estilo de vinculação parecem ter influência em algumas das reações, nomeadamente nas reações comportamentais de investimento, expressão do afeto negativo e vingança, e nas reações emocionais de desvalorização/humilhação, aversão, satisfação e aflição.

Com o objetivo de testar a Hipótese Genérica 2 (i.e., o método de descoberta, a satisfação relacional e o estilo de vinculação vão influenciar as reações emocionais, que por sua vez, vão influenciar as reações comportamentais, num processo de mediação), foram utilizados os métodos descritos por Baron e Kenny (1986). Baron e Kenny (1986) sugerem que para testar a existência de um efeito de mediação é necessário conduzir três análises de regressão: em primeiro lugar, deve realizar-se a regressão da variável dependente sobre a variável

⁴ Considere-se que o sexo foi codificado da seguinte forma: Masculino = 0 e Feminino = 1

independente; em segundo, regredir o mediador na variável independente; e, por fim, regredir a variável dependente tanto na variável independente como no mediador. Considerando estas três análises, para estabelecer a existência de um efeito de mediação é necessário que se cumpram as seguintes três condições: na primeira análise, a variável independente deve influenciar a variável dependente, na segunda análise, a variável independente deve influenciar a variável mediadora, e na terceira análise, o mediador deve influenciar a variável dependente (Baron & Kenny, 1986). De acordo com Baron e Kenny (1986), se estas três condições forem cumpridas, o efeito da variável independente sobre a variável dependente deve ser menor na terceira equação, por comparação com o efeito que tem na primeira.

Considerando que o método de descoberta não surgiu como preditor significativo de nenhuma reação à infidelidade, não foi incluído nesta análise. Para além disso, e dado que a variável “evitação” não surgiu como preditor significativo de nenhuma reação emocional, esta foi também excluída da análise. Através da análise do Quadro 6, é possível verificar que a preocupação influencia as reações comportamentais de expressão negativa do afeto e de vingança, e as reações emocionais de desvalorização/humilhação, de aversão e de aflição. Desta forma, e no caso destas relações, os primeiros dois critérios propostos por Baron e Kenny (1986) verificam-se. Já no caso da satisfação, os primeiros dois critérios propostos por Baron e Kenny (1986) também se cumprem, dado que a satisfação parece influenciar as reações comportamentais de expressão do afeto negativo e as reações emocionais de aversão e satisfação.

Assim, a existência de um potencial efeito de mediação foi reduzida a três possibilidades: as reações emocionais de desvalorização/humilhação, de aversão e de aflição mediarão a ligação entre a preocupação e as reações comportamentais de expressão do afeto negativo; as reações emocionais de desvalorização/humilhação, de aversão e de aflição mediarão a ligação entre a preocupação e as reações comportamentais de vingança; e as reações emocionais de aversão e satisfação mediarão a relação entre a satisfação e a expressão do afeto negativo. Para testar o cumprimento do terceiro critério, bem como a existência de efeitos de mediação, foram conduzidas as análises de regressão propostas para o terceiro passo. Note-se que em todas as análises, se controlou o efeito do sexo, da idade, da experiência relacional, da experiência com infidelidade, da duração da relação, do grau de escolaridade e do estatuto relacional.

Desta forma, as variáveis preocupação e as reações emocionais de desvalorização/humilhação, de aversão e de aflição foram inseridas no modelo de predição das reações comportamentais de expressão do afeto negativo, e no modelo de predição das reações

comportamentais de vingança. No caso das reações de expressão do afeto negativo, as reações emocionais de desvalorização/humilhação ($\beta = .17, t = 2.13, p = .035$), de aversão ($\beta = .44, t = 6.53, p < .001$) e de aflição ($\beta = .21, t = 2.97, p = .003$) surgiram como seus preditores significativos. Ademais, a inclusão conjunta das variáveis levou a que a relação entre a preocupação e a expressão do afeto negativo ($\beta = .19, t = 2.58, p = .011$), deixasse de ser significativa ($\beta = .03, t = .62, p = .537$), o que sugere um efeito de mediação significativo das reações emocionais referidas na relação entre a preocupação e a expressão do afeto negativo. No respeitante às reações de vingança, estas não parecem ser influenciadas pelas reações emocionais de desvalorização/humilhação, aversão e aflição, o que impossibilita que estas tenham um efeito mediador entre a preocupação e as reações comportamentais de vingança.

Por fim, as variáveis satisfação relacional e reações emocionais de aversão e satisfação foram inseridas no modelo de predição das reações comportamentais de expressão do afeto negativo. Neste modelo, as reações emocionais de aversão ($\beta = .64, t = 9.76, p < .001$) surgiram como um preditor significativo das reações comportamentais de expressão do afeto negativo. Para além disso, a inclusão conjunta das variáveis levou a que a relação entre a satisfação relacional e a expressão do afeto negativo ($\beta = .15, t = 2.00, p = .048$), deixasse de ser significativa ($\beta = .02, t = .32, p = .750$), o que sugere um efeito de mediação significativo das reações emocionais de aversão na relação entre a satisfação e a expressão do afeto negativo.

Tendo em conta estes resultados, é possível concluir que a Hipótese Genérica 2 foi parcialmente apoiada.

Discussão

O propósito do presente estudo passou por compreender a influência do estilo de vinculação, do método de descoberta da infidelidade e da satisfação relacional nas reações à infidelidade. Para tal, avaliou-se a probabilidade de os participantes realizarem determinados comportamentos e de sentirem determinados estados afetivos e emoções face a uma infidelidade de um parceiro hipotético, descoberta em diversos tipos de circunstâncias.

Neste sentido, conclui-se que tanto a satisfação, como o estilo de vinculação parecem ter influência em algumas das possíveis reações à infidelidade, embora o mesmo não se possa dizer acerca do método de descoberta. Estas influências serão em seguida aprofundadas e discutidas.

Contrariamente ao esperado, na presente investigação o método de descoberta da hipotética infidelidade não influenciou o tipo de reações que os participantes acreditaram que iriam ter, tal como aconteceu no estudo de Gunderson e Ferrari (2008). A ausência desta relação

pode ter acontecido por vários motivos. Em primeiro lugar, e embora quase 96% dos participantes tenha experiência com relações amorosas, no presente estudo era-lhes solicitado que imaginassem uma relação romântica com determinadas características, independentemente de se encontrarem ou não numa relação amorosa e de quais os seus sentimentos em relação a ela. Isto, aliado à falta de especificidade do comportamento do hipotético parceiro e à falta de detalhe em relação ao método de descoberta, pode ter tornado o cenário pouco credível e pessoal, tornando difícil a sua imaginação. Tal contrasta com o estudo de Afifi et al. (2001), em que os participantes se deveriam focar numa experiência de infidelidade da qual tivessem sido vítimas, o que segundo Gunderson e Ferrari (2008) pode ter tornado a transgressão mais saliente.

A hipótese de maior satisfação com a relação motivar (a) mais reações comportamentais de investimento, e voz e expressão do afeto negativo e mais reações emocionais de aversão e vingança e (b) menos reações comportamentais de vingança e menos reações emocionais de satisfação foi parcialmente apoiada, dado que a satisfação parece estar relacionada com algumas das reações que os participantes acreditaram que iriam ter face à infidelidade de um parceiro. Aprofundando, e de encontro ao esperado, maior satisfação com a relação parece motivar mais reações emocionais de aversão e menos reações emocionais de satisfação. Isto parece plausível dado que nos cenários de maior satisfação, o participante era solicitado a imaginar uma relação com a qual estivesse satisfeito, que valorizasse e desejasse manter. Ora, se o indivíduo está numa relação com estas características, faz sentido que reaja com menos emoções de satisfação como alívio e alegria e mais reações de aversão como desilusão, repulsa, ódio e tristeza, dado a infidelidade ser um evento com elevado grau de probabilidade de perturbar essa satisfação. Por outro lado, há que ter em conta que alguns participantes eram solicitados a imaginarem uma relação com a qual não estivessem satisfeitos, valorizassem pouco e sobre a qual tivessem dúvidas se desejavam manter. Neste caso, faz sentido que indivíduos menos satisfeitos com as suas relações tenham reações emocionais de satisfação face à infidelidade, uma vez que esta pode ser considerada como um pretexto para deixar a relação. Para além disso, e tendo em conta a existência de um efeito de mediação das reações emocionais de aversão na relação entre a satisfação relacional e as reações comportamentais de expressão do afeto negativo, parece que as reações emocionais de aversão são responsáveis por esta associação. Neste sentido, dada a satisfação com a relação, a infidelidade pode violar de forma altamente negativa as expectativas do indivíduo face ao parceiro e à relação, evocando emoções como o ódio, a tristeza e repulsa, culminando finalmente em reações como aquelas ilustradas pelas reações da expressão do afeto negativo.

Contrariamente ao esperado, a satisfação relacional não surgiu como preditor de mais nenhuma das reações. Há que considerar que os estudos de Guerrero e Bachman (2008) e Rusbult e colaboradores (Rusbult et al., 1986; Rusbult et al., 1991; Rusbult et al., 1982) se focaram na resposta a transgressões relacionais. Embora a infidelidade possa fazer parte das transgressões consideradas pelos participantes, esta não foi o foco destes estudos. Dada a severidade da infidelidade (Metts, 1994), uma transformação pró-relacional é menos provável de acontecer (Guerrero & Bachman, 2008), o que pode ter contribuído para a inexistência de uma relação entre a satisfação e reações construtivas. Para além disso, é ainda de referir o facto de a satisfação não ter sido medida, mas sim manipulada, algo que não acontece nos estudos que serviram de base à formulação das hipóteses. Ademais, parece também plausível que indivíduos que se encontrem numa relação satisfatória tenham dificuldades em imaginar uma relação não satisfatória e vice-versa.

Por outro lado, tal como esperado, e de acordo com investigações anteriores (e.g., Donovan & Emmers-Sommer, 2012), maiores níveis de preocupação parecem motivar mais reações comportamentais de vingança e reações emocionais de desvalorização/humilhação e aflição. No que diz respeito às reações de vingança, os resultados parecem espelhar aqueles obtidos por Davis, Shaver e Vernon (2003) no seu estudo sobre as reações à dissolução de uma relação romântica, dado que indivíduos com elevados níveis de preocupação demonstraram uma maior tendência para procurar vingança em relação ao parceiro. Esta maior motivação para reagir com comportamentos de vingança pode refletir a adoção das estratégias hiperativadoras características de indivíduos com elevados níveis de preocupação, que envolvem tentativas ativas e intensas de obter proximidade, amor, atenção e apoio da figura de vinculação (Mikulincer & Florian, 1998; Mikulincer, Shaver & Pereg, 2003). Neste sentido, as reações de vingança podem ser vistas como tentativas de causar ciúme ao parceiro, o que, por sua vez, pode levar o indivíduo com elevados níveis de preocupação a sentir-se amado. Ademais, e dado que indivíduos com elevados níveis de preocupação são propensos a rapidamente se envolverem noutra relação romântica, como resposta à dissolução de uma relação (Davis et al., 2003), as reações comportamentais de vingança podem também ser conceptualizadas como movimentos no sentido de procurar uma nova relação.

Para além disso, tendo em conta que indivíduos com elevado nível de preocupação têm uma imagem negativa de si, percecionando-se como não merecedores de amor e afeto, e que se culpam pela inconsistência que experienciam nas suas relações amorosas (Bartholomew & Horowitz, 1991), parece plausível que isso se reflita numa maior motivação para reagir com emoções de desvalorização/humilhação. Nesta linha, a infidelidade por parte do parceiro

romântico pode contribuir para um reforço da imagem negativa que mantêm em relação a si próprios.

Considerando que a ocorrência de infidelidade pode representar a perda do outro significativo, e que indivíduos com elevados níveis de preocupação demonstram elevado desconforto na ausência de relações íntimas (Bartholomew & Horowitz, 1991), parece plausível que elevados níveis de preocupação motivem mais reações emocionais de aflição.

Não obstante, e embora não se tenha colocado hipóteses acerca da relação da dimensão preocupação com as reações de aversão, é de referir que maiores níveis de preocupação parecem motivar mais reações emocionais de aversão. Considerando que indivíduos com elevados níveis de preocupação tendem a ter esperança de que as suas figuras de vinculação sejam recetivas e apoiantes (Bartholomew & Horowitz, 1991), a infidelidade pode abalar as expectativas positivas que estes indivíduos possuem em relação aos seus parceiros, promovendo reações emocionais de aversão.

Uma das conclusões importantes deste estudo é o efeito mediador das reações de desvalorização/humilhação, de aversão e de aflição na relação entre a preocupação e as reações de expressão do afeto negativo. Este efeito sugere que as reações emocionais mencionadas podem ser um mecanismo fundamental responsável por esta associação. Tal parece fazer sentido à luz da literatura sobre o controlo emocional. Neste sentido, de acordo com Feeney (1999), indivíduos com elevados níveis de preocupação são propensos a sentirem emoções negativas extremas. Frequentemente, estas emoções não são discutidas e existem tentativas no sentido de inibir a sua demonstração, de forma a prevenir a alienação do parceiro. Contudo, estas emoções acabam por ser reveladas de forma verbal e não verbal (Feeney, 1999). Esta revelação pode culminar nos comportamentos ilustrados pelas reações de expressão do afeto negativo. Para além disso, este tipo de comportamentos, fomentado pela extrema emocionalidade negativa experienciada, pode ser visto como uma tentativa de manutenção da relação, se considerarmos aquilo que Crittenden (1992) descreve como estratégia coerciva de eliciação de cuidado e proteção por parte da figura de vinculação (i.e., alternância entre comportamentos agressivos e ameaçadores e comportamentos tímidos e sedutores).

Por contraste, e contrariamente ao esperado, a dimensão “preocupação” não pareceu influenciar as reações comportamentais de investimento. Por um lado, a imaginação da infidelidade pode ter potenciado a tendência para ruminar, característica destes indivíduos (Mikulincer, Gillath, & Shaver, 2002), que por sua vez, pode ter inibido a possibilidade de conceber a adoção de estratégias construtivas. Por outro lado, tendo em conta que no presente estudo os indivíduos eram instruídos a pensarem numa relação hipotética, é também possível

que os indivíduos mais preocupados não tenham relatado a adoção de reações construtivas por não se sentirem verdadeiramente envolvidos nessa relação.

Considerando agora a dimensão “evitação”, ao contrário do esperado, os níveis de evitação não pareceram motivar menos reações comportamentais de investimento e comunicação integrativa e mais reações emocionais de satisfação. No presente estudo verificou-se que maiores níveis de evitação parecem motivar mais reações comportamentais de investimento. Embora este resultado seja discrepante da literatura acerca da vinculação (e.g., Bartholomew & Horowitz, 1991) e da sua relação com a infidelidade (e.g., Wang et al., 2012), parece plausível à luz da investigação acerca das preferências românticas. Ora, em primeiro lugar é necessário ter em conta que no presente estudo era pedido aos participantes para pensarem numa relação hipotética, independentemente de se encontrarem ou num relacionamento amoroso, em vez de considerarem o seu relacionamento atual ou algum anterior, como acontece na grande maioria dos estudos que fazem uso de cenários de infidelidade (e.g., Donovan, 2010). Tal pode ter induzido os participantes a imaginarem uma relação com um parceiro diferente daqueles com que habitualmente se envolvem. Neste sentido, Holmes e Johnson (2009) sugerem que quando é dada, ao indivíduo, a oportunidade de escolher um parceiro hipotético, esse parceiro é diferente daquele com que efetivamente se envolvem e mantêm relações. Estas diferenças são particularmente evidentes ao nível da vinculação, na medida em que os indivíduos demonstram preferência por parceiros hipotéticos com um estilo de vinculação segura, mas optam por se envolver e manter relações com indivíduos com um estilo de vinculação complementar (Holmes & Johnson, 2009). Assim, é possível que no presente estudo, indivíduos com elevados níveis de evitação tenham imaginado uma relação com um indivíduo seguro, dada a elevada probabilidade de este oferecer as melhores oportunidades para o estabelecimento de um laço emocional seguro (Chappell & Davis, 1998). A imaginação da pertença a um laço com alguém disponível e responsivo às suas necessidades pode ter inibido a propensão para a utilização das estratégias de desativação características de indivíduos evitantes (Mikulincer & Florian, 1998), promovendo, pelo contrário, reações construtivas de manutenção da relação, mesmo após a infidelidade. Outra possível explicação prende-se com o facto de a amostra ser constituída maioritariamente por participantes do sexo feminino. Por um lado, as mulheres tendem a ser socializadas para serem “guardiãs” das relações, e são condicionadas a procurar e a manter relações românticas, mesmo que tenham características de personalidade, como o estilo de vinculação, que não as predisponham a isso (Byers, 1996). Isto pode levar a que o efeito da evitação, em mulheres, seja moderado pelo papel de género, como verificaram Moreira, Lind e Santos (2006). No seu conjunto, estes

efeitos podem levar a que a influência da evitação não seja tão forte como se esperaria, e a uma propensão para a adoção de estratégias construtivas face a transgressões relacionais, de forma a evitar ameaçar a estabilidade de relação (Donovan & Emmers-Sommer, 2012).

A ausência de relação entre os níveis de evitamento e as reações emocionais de satisfação podem ser fruto das razões já mencionadas anteriormente aquando da discussão dos resultados que dizem respeito à relação entre a satisfação e o leque de reações.

Ademais, embora não se tenha colocado hipóteses acerca da relação da dimensão “evitação” com as reações comportamentais de vingança, é de referir que, no presente estudo, maiores níveis de evitação parecem motivar mais reações comportamentais de vingança. Estes resultados podem ser entendidos à luz da literatura acerca das características de personalidade narcísicas. Ora, a investigação (e.g., Dickinson & Pinus, 2003; Smolewska & Dion, 2005) tem demonstrado que indivíduos com um estilo de vinculação evitante têm tendência a apresentar características de personalidade narcísicas, como a confiança social inflacionada e o sentimento de que o mundo gira em volta das suas necessidades. Por sua vez, estas características parecem estar presentes em indivíduos com tendência para serem vingativos (Brown, 2004). Face a estes resultados, Brown (2004) sugere que as características narcísicas mencionadas podem levar não só a que os indivíduos sintam desejo de retaliar, mas também que o façam efetivamente, aquando de transgressões que afetem a sua autoestima. Desta forma, parece plausível que elevados níveis de evitação motivem mais reações comportamentais de vingança. Isto vai ao encontro dos resultados de van Monsjou et al. (2015), que verificou que os indivíduos evitantes eram mais vingativos do que indivíduos com outros estilos de vinculação. Ademais, e tendo em conta que indivíduos evitantes valorizam menos as suas relações (Bartholomew & Horowitz, 1991), são mais propensos a adotar comportamentos que coloquem em causa a relação, e que criem distanciamento, como aqueles ilustrados pelas reações de vingança.

Consideram-se agora as relações entre as variáveis demográficas e as várias reações comportamentais e emocionais. No presente estudo, a experiência anterior com infidelidade pareceu motivar reações de investimento face à infidelidade hipotética de um parceiro. Passar pela experiência de infidelidade pode levar as vítimas a perceber que a sobrevivência da relação é possível, o que por sua vez pode motivar o investimento na relação. Ademais, no seu estudo, Abraham, Hussain, Khan e Schofield (2012) identificaram a motivação para evitar ser rotulado como perdedor ou falhado como um dos fatores associados à decisão de permanecer com o parceiro infiel e de reconstruir a relação após a infidelidade. De acordo com Abraham et al. (2012), este medo de falhar era particularmente evidente nos participantes que vinham de famílias devastadas pela infidelidade. Neste sentido, pode acontecer que também a experiência

anterior com infidelidade promova este medo e, conseqüentemente, leve a um investimento na relação.

Tanto o sexo como a idade parecem ter influência nas reações de expressão negativa do afeto. Mais especificamente, os homens parecem ter uma maior motivação para reagir com expressão negativa do afeto à infidelidade hipotética de uma parceira. No estudo de Miller e Manor (2008), homens expressaram mais sentimentos de raiva do que as mulheres face a cenários hipotéticos de infidelidade. Segundo Miller e Manor (2008), demonstrações de raiva podem ser conceptualizadas como um meio através do qual os homens tentam dar resposta à ameaça que é colocada à sua dominância aquando da infidelidade. Neste sentido, a raiva pode motivar comportamentos como aqueles ilustrados pelas reações de expressão do afeto negativo, explicando assim a maior motivação por parte dos homens de ter reações deste tipo. No que diz respeito à idade, também indivíduos mais novos parecem ter uma maior motivação para reagir com expressão do afeto negativo. Cater, Zeigler-Hill e Besser (2016) sugerem que a idade é um fator importante a considerar aquando das reações à infidelidade, quer real, quer hipotética, principalmente dada a sua relação com a experiência com relações amorosas. De acordo com Cater et al. (2016), indivíduos mais novos têm menos experiência com relações amorosas. Esta menor experiência com relações amorosas pode, por um lado, conduzir a uma falta de preparação para responder a eventos dolorosos dentro da relação e, por outro, significar menos oportunidades de desenvolvimento de estratégias mais adaptativas para lidar com ameaças à relação (Cater et al., 2016). No seu conjunto, estes fatores podem contribuir para um aumento da motivação para reagir com expressão negativa do afeto em indivíduos mais novos.

A idade parece também ter influência nas reações emocionais de desvalorização/humilhação e aversão, na medida em que indivíduos mais novos parecem ter uma maior motivação para reagir com emoções de desvalorização/humilhação e aversão face à infidelidade hipotética de um parceiro. Neste caso, a falta de preparação para responder a eventos dolorosos dentro da relação e as poucas oportunidades de desenvolvimento de estratégias mais adaptativas para lidar com ameaças (Cater et al., 2016) podem ter um papel importante na maior motivação para reagir com as emoções referidas.

Por fim, as reações emocionais de satisfação parecem ser influenciadas pela duração da relação. Mais concretamente, indivíduos com relações mais duradouras parecem ter baixa propensão para reagir com alegria, satisfação e alívio à infidelidade hipotética de um parceiro. Na maior parte das vezes, relações mais duradouras implicam um maior investimento tanto extrínseco como intrínseco. Desta forma, parece plausível que indivíduos em relações mais

duradouras tenham baixa motivação para reagir com emoções positivas aquando da infidelidade do parceiro, dado que a infidelidade pode ser encarada como uma ameaça a esse investimento.

Limitações

O presente estudo apresenta várias limitações. Em primeiro lugar, é de salientar a utilização de cenários hipotéticos de infidelidade. Deste modo, não havendo uma garantia de que as reações que se acredita ter face a um cenário, sejam as que efetivamente se teriam face a uma situação real, a generalização dos resultados a situações de verdadeira infidelidade é duvidosa.

Em segundo lugar, os participantes eram solicitados a imaginar uma relação com determinadas características, independentemente de se encontrarem ou não num relacionamento amoroso. Esta instrução levanta algumas questões. Por um lado, reforça a dificuldade de generalização dos resultados. Por outro, há que ponderar que os participantes podem ter tido dificuldade em imaginar uma relação com características diferentes daquelas a que estão normalmente habituados. Ademais, existe ainda a possibilidade de os participantes terem ignorado a instrução, e terem pensado nas suas relações atuais. Para além disso, dada a ausência de envolvimento com o parceiro do cenário, e consequente ausência de vinculação, a imaginação da situação pode não ter ativado as estruturas cognitivas associadas ao estilo de vinculação (Donovan & Emmers-Sommer, 2012).

Em terceiro lugar, é de salientar o facto de a variável satisfação com a relação ter sido manipulada. Tal não permitiu a exploração das possíveis relações entre esta variável e outras como, por exemplo, o estilo de vinculação.

Em quarto lugar, embora a Escala das Reações à Infidelidade abranja um conjunto de itens que, de acordo com a literatura, é suficientemente compreensivo e representativo do universo das reações construtivas e destrutivas à infidelidade, há que considerar que existem reações que não são adequadamente avaliadas, como é o caso das reações de culpa face à infidelidade do parceiro. Ademais, é possível que as pessoas tenham outras reações, talvez mais neutras, que não as consideradas no instrumento (e.g., ler livros de autoajuda).

Por fim, utilizaram-se medidas de autorrelato, que estão sujeitas a efeitos de desejabilidade social. A título de exemplo, os participantes podem ter relatado ser menos ansiosos em relação aos seus relacionamentos, dado que elevada ansiedade e dependência são geralmente concebidas como características pouco favoráveis (Donovan & Emmers-Sommer, 2012).

Sugestões para a Continuação da Investigação

O presente estudo sugere que os indivíduos acreditam que iriam ter determinado tipo de reações face à infidelidade, em função do seu estilo de vinculação e, talvez, da satisfação que experienciam no seu relacionamento amoroso. Tendo em conta os resultados e as limitações já mencionadas é possível sugerir algumas linhas de investigação futura. Em primeiro lugar, futuros estudos deveriam explorar a forma como o método de descoberta da infidelidade, o estilo de vinculação e a satisfação podem influenciar as reações emocionais e comportamentais, focando-se em participantes que experienciaram efetivamente infidelidade por parte dos seus parceiros. Uma amostra com estas características permitiria averiguar também se o leque de reações consideradas durante este estudo se aplica a casos de verdadeira infidelidade. Outro aspeto a considerar em investigações futuras é a medição, e não a manipulação, da satisfação relacional. Tal pode clarificar a influência que esta tem nas reações à infidelidade, e pode permitir a exploração da relação desta com outras variáveis de interesse. Para além disso, e caso se proceda novamente à utilização de cenários hipotéticos, poderá ser importante pedir aos participantes que tenham em mente a relação romântica mais importante e significativa que tiveram, uma vez que tal pode evocar sentimentos de vinculação mais fortes (Donovan & Emmers-Sommer, 2012). Para além disso, os cenários deverão ser também mais explícitos, não só em relação ao comportamento do parceiro, mas também ao método de descoberta, caso esta seja uma variável de interesse.

Implicações

O estilo de vinculação é uma parte importante e significativa da forma como os indivíduos interpretam os acontecimentos positivos e negativos que ocorrem no âmbito relacional. Essas interpretações têm, por sua vez, influência na forma como os indivíduos respondem a esses acontecimentos. Consequentemente, essas respostas têm ramificações importantes não só na relação em questão, mas também nos modelos mentais de organização do mundo do indivíduo. Aprofundando, existe uma tendência para perpetuar as crenças associadas aos modelos de organização do mundo. A título de exemplo, quando um indivíduo preocupado adota reações destrutivas, aumentando a probabilidade de abandono por parte do parceiro, está a contribuir para reforçar e exacerbar o seu medo de abandono e rejeição.

Do ponto de vista clínico, esta tendência realça a importância de aumentar a consciência dos indivíduos em relação ao seu funcionamento, principalmente no que diz respeito à forma como o seu estilo de vinculação molda as suas interpretações e reações aos acontecimentos

dentro das relações, e ao modo como estas podem impedir a reparação da relação e capacidade de ultrapassar a infidelidade. Para além do aumento da consciência, a intervenção terapêutica deverá focar-se em desafiar as cognições disfuncionais associadas aos modelos de organização do mundo, e no desenvolvimento de cognições mais equilibradas e objetivas. Ademais, o treino de competências de regulação emocional torna-se algo a considerar, dado que, no presente algumas emoções parecem ser responsáveis pela associação positiva entre a preocupação e a comunicação ofensiva, um tipo de reação que pode ter consequências devastadoras para a relação. Por fim, a intervenção poderá também focar-se no treino de competências de resolução de problemas, de forma a que o indivíduo desenvolva um repertório de reações mais adaptativas que promovam interações positivas e o desenvolvimento de um laço seguro.

Conclusão

Dada a centralidade das relações românticas no bem-estar psicológico dos indivíduos torna-se importante perceber que variáveis podem ter impacto na reparação, ou na dissolução saudável destas relações, aquando de uma transgressão. É neste sentido que o presente estudo contribuiu, sugerindo que o estilo de vinculação e a satisfação são variáveis que influenciam as reações à infidelidade. Estas variáveis podem, em terapia, ser trabalhadas de forma a promover o bem-estar dos indivíduos.

Referências bibliográficas

- Abrahamson, I., Hussain, R., Khan, A., & Schofield, M. J. (2012). What helps couples rebuild their relationship after infidelity?. *Journal of Family Issues*, 33, 1494-1519.
- Afifi, W. A., Falato, W. L., & Weiner, J. L. (2001). Identity concerns following a severe relational transgression: The role of discovery method for the relational outcomes of infidelity. *Journal of Social and Personal Relationships*, 18, 291-308.
- Bachman, G. F., & Guerrero, L. K. (2006). Relational quality and communicative responses following hurtful events in dating relationships: An expectancy violations analysis. *Journal of Social and Personal Relationships*, 23, 943-963.
- Baker, A. K. (2013) *Emotional and behavioral reactions to emotional and physical infidelity: An evolutionary perspective*. (Dissertação de mestrado, University of Nevada, Las Vegas, NV: Estados Unidos da América. Retirado de <https://digitalscholarship.unlv.edu/thesesdissertations/1800/>
- Baron, R. M., & Kenny, D. A. (1986). The moderator–mediator variable distinction in social psychological research: Conceptual, strategic, and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51, 1173-1182.
- Bastos, A. V. (2018). *2+1=2: Um estudo exploratório sobre as relações continuadas após infidelidade*. (Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal). Retirado de <http://hdl.handle.net/10451/37631>
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 226-244.
- Becker, D. V., Sagarin, B. J., Guadagno, R. E., Millevoi, A., & Nicastle, L. D. (2004). When the sexes need not differ: Emotional responses to the sexual and emotional aspects of infidelity. *Personal Relationships*, 11, 529-538.

- Byers, E. S. (1996). How well does the traditional sexual script explain sexual coercion? Review of a program of research. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 8, 7-25.
- Blow, A. J., & Hartnett, K. (2005). Infidelity in committed relationships I: A methodological review. *Journal of Marital and Family Therapy*, 31, 183-216.
- Boekhout, B. A., Hendrick, S. S., & Hendrick, C. (1999). Relationship infidelity: A loss perspective. *Journal of Personal & Interpersonal Loss*, 4, 97-123.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss: Vol. 1. Attachment (2ª Edição)*. New York, NY: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Vol. 2. Separation: Anxiety and anger*. New York, NY: Basic Books.
- Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult attachment: An integrative overview. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46-76). New York, NY: Guilford.
- Brown, R. P. (2004). Vengeance is mine: Narcissism, vengeance, and the tendency to forgive. *Journal of Research in Personality*, 38, 576-584.
- Cater, T., Zeigler-Hill, V., & Besser, A. (2016). Exposure to an infidelity threat manipulation: The role of adult attachment dimensions in anticipated relationship evaluation responses. *Journal of Individual Differences*, 37, 119-127.
- Chappell, K. D., & Davis, K. E. (1998). Attachment, partner choice, and perception of romantic partners: An experimental test of the attachment-security hypothesis. *Personal Relationships*, 5, 327-342.
- Charny, I. W., & Parnass, S. (1995). The impact of extramarital relationships on the continuation of marriages. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 21, 100-115.
- Crittenden, P. M. (1992). Children's strategies for coping with adverse home environments: An interpretation using attachment theory. *Child Abuse & Neglect*, 16, 329-343.

- Cohen, J., Cohen, P., West, S. G., & Aiken, L. S. (2003). *Applied multiple regression/correlation analysis for the behavioral sciences*. Mahwah, NJ: Laurence Erlbaum Associates.
- Davis, D., Shaver, P. R., & Vernon, M. L. (2003). Physical, emotional, and behavioral reactions to breaking up: The roles of gender, age, emotional involvement, and attachment style. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29, 871-884.
- DeGroot, M. M. (2014). *The betrayed partner's experiences with grief and loss following the discovery of an extramarital affair*. (Dissertação de Mestrado, St. Catherine University, Saint Paul, MN: Estados Unidos da América. Retirado de https://sophia.stkate.edu/msw_papers/307/
- Dickinson, K. A., & Pincus, A. L. (2003). Interpersonal analysis of grandiose and vulnerable narcissism. *Journal of Personality Disorders*, 17, 188-207.
- Donovan, S. (2010). *Attachment theory as a predictor of communicative responses to infidelity*. (Dissertação de mestrado, University of Nevada, Las Vegas, NV: Estados Unidos da América. Retirado de <https://digitalscholarship.unlv.edu/thesesdissertations/747/>
- Donovan, S., & Emmers-Sommer, T. M. (2012). Attachment style and gender as predictors of communicative responses to infidelity. *Marriage & Family Review*, 48, 125-149.
- Feeney, J. A. (1999). Adult attachment, emotional control, and marital satisfaction. *Personal Relationships*, 6, 169-185.
- Folkman, S., Lazarus, R. S., Gruen, R. J., & DeLongis, A. (1986). Appraisal, coping, health status, and psychological symptoms. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 571-579.
- Guerrero, L. K. (1998). Attachment-style differences in the experience and expression of romantic jealousy. *Personal Relationships*, 5, 273-291.

- Guerrero, L. K., & Bachman, G. F. (2008). Communication following relational transgressions in dating relationships: An investment-model explanation. *Southern Communication Journal*, 73, 4-23.
- Gunderson, P. R., & Ferrari, J. R. (2008). Forgiveness of sexual cheating in romantic relationships: Effects of discovery method, frequency of offense, and presence of apology. *North American Journal of Psychology*, 10, 1-14.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.
- Holmes, B. M., & Johnson, K. R. (2009). Adult attachment and romantic partner preference: A review. *Journal of Social and Personal Relationships*, 26, 833-852.
- Marcos, D. S. T. M. (2014). *O papel das concepções pessoais nas reações à infidelidade*. (Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal). Retirado de <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/15413>
- Metts, S. (1994). Relational transgressions. In D. J. Canary & L. Stafford (Eds.), *Communication and relational maintenance* (pp. 217-239). San Diego, CA: Academic Press.
- Metts, S. (1997). Face and face work: Implications for the study of personal relationships. In S. Duck (Ed.), *Handbook of personal relationships* (2ª Edição, pp. 373-390). New York, NY: Guilford Press.
- Mikulincer, M., & Florian, V. (1998). The relationship between adult attachment styles and emotional and cognitive reactions to stressful events. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 143-165). New York, NY: Guilford.

- Mikulincer, M., Gillath, O., & Shaver, P. R. (2002). Activation of the attachment system in adulthood: threat-related primes increase the accessibility of mental representations of attachment figures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 83, 881-895.
- Mikulincer, M., Shaver, P. R., & Pereg, D. (2003). Attachment theory and affect regulation: The dynamics, development, and cognitive consequences of attachment-related strategies. *Motivation and Emotion*, 27, 77-102.
- Miller, S. L., & Maner, J. K. (2008). Coping with romantic betrayal: Sex differences in responses to partner infidelity. *Evolutionary Psychology*, 6, 413-426, 147470490800600305.
- Moreira, J., Lind, W., & Santos, M. J. (2006, July). *Attachment style and marital satisfaction in a Portuguese sample: Differences in patterns according to gender*. Poster presented at the International Association for Relationship Research Conference, Rethymno, Crete, Greece.
- Moreira, J. M., Lind, W., Santos, M. J., Moreira, A. R., Gomes, M. J., Justo, J., ... Faustino, M. (2006). “Experiências em Relações Próximas”, um questionário de avaliação das dimensões básicas dos estilos de vinculação nos adultos: Tradução e validação para a população Portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 4, 3-27.
- Pettijoh, T. F. I. I., & Ndoni, A. (2013). Imagined infidelity scenario forgiveness and distress: The role of method of discovery and specific cheating behavior. *Research in Psychology and Behavioral Sciences*, 1, 11-14.
- Poirier, C. J. (2014). *Adult Attachment and coping processes: The predictive effect of adult attachment style on behavioural and cognitive coping responses to partner's infidelity*. (Tese de doutoramento, University of East London School of Psychology, Londres: Reino Unido. Retirado de <http://roar.uel.ac.uk/4129/>)

- Rusbult, C. E. (1980). Commitment and satisfaction in romantic associations: A test of the investment model. *Journal of Experimental Social Psychology*, 16, 172-186.
- Rusbult, C. E. (1983). A longitudinal test of the investment model: The development (and deterioration) of satisfaction and commitment in heterosexual involvements. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45, 101-117.
- Rusbult, C. E., Johnson, D. J., & Morrow, G. D. (1986). Determinants and consequences of exit, voice, loyalty, and neglect: Responses to dissatisfaction in adult romantic involvements. *Human Relations*, 39, 45-63.
- Rusbult, C. E., Verette, J., Whitney, G. A., Slovik, L. F., & Lipkus, I. (1991). Accommodation processes in close relationships: Theory and preliminary empirical evidence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60, 53-78.
- Rusbult, C. E., & Zembrodt, I. M. (1983). Responses to dissatisfaction in romantic involvements: A multidimensional scaling analysis. *Journal of Experimental Social Psychology*, 19, 274-293.
- Rusbult, C. E., Zembrodt, I. M., & Gunn, L. K. (1982). Exit, voice, loyalty, and neglect: Responses to dissatisfaction in romantic involvements. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43, 1230-1242.
- Shackelford, T. K., Buss, D. M., & Bennett, K. (2002). Forgiveness or breakup: Sex differences in responses to a partner's infidelity. *Cognition & Emotion*, 16, 299-307.
- Shackelford, T. K., LeBlanc, G. J., & Drass, E. (2000). Emotional reactions to infidelity. *Cognition & Emotion*, 14, 643-659.
- Smolewska, K., & Dion, K. (2005). Narcissism and adult attachment: A multivariate approach. *Self and Identity*, 4, 59-68.

- van Monsjou, E., Struthers, C. W., Khoury, C., Guilfoyle, J. R., Young, R., Hodara, O., & Muller, R. T. (2015). The effects of adult attachment style on post-transgression response. *Personal Relationships*, 22, 762-780.
- Wang, C. C. D., King, M. L., & Debernardi, N. R. (2012). Adult attachment, cognitive appraisal, and university students' reactions to romantic infidelity. *Journal of College Counseling*, 15, 101-116.

Anexo A: Consentimento Informado

Caro participante,

Através desta investigação pretende-se compreender a forma como determinadas variáveis, como as características de personalidade da pessoa, a sua satisfação com a relação e a forma como a pessoa descobre a infidelidade do seu parceiro influenciam as reações à infidelidade. Esta investigação está a ser desenvolvida por mim, Catarina Marques Paulo, aluna da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, no âmbito da minha Dissertação de Mestrado, sob orientação do Professor Doutor João Manuel Moreira.

A sua participação nesta investigação tem um carácter voluntário, podendo desistir a qualquer momento se assim o desejar, sem qualquer prejuízo. Ainda assim, a sua colaboração é de extrema importância, uma vez que possibilitará a realização deste estudo e o avanço do conhecimento científico.

Para participar neste estudo é necessário ter pelo menos 18 anos. Ser-lhe-á solicitada a resposta a um conjunto de questionários, cujo tempo de preenchimento é de aproximadamente 5 a 10 minutos, e ao qual apenas deverá responder uma única vez.

Tendo em conta que esta investigação se insere na temática da infidelidade, a participação neste estudo poderá causar-lhe algum desconforto. Se o desejar, poderá ser encaminhado(a) para acompanhamento psicológico (através dos contactos em baixo). As suas respostas são confidenciais, e não serão partilhadas com indivíduos ou entidades exteriores à investigação. O seu anonimato será assegurado através da não solicitação de qualquer dado que permita associar as suas respostas à sua identificação. A presente investigação decorrerá segundo os princípios éticos e deontológicos nacionais e internacionais aplicados à investigação em Psicologia.

Caso tenha alguma dúvida, questão ou sugestão, ou deseje obter informação, em linguagem não técnica acerca dos resultados do estudo após a sua conclusão, poderá contactar a investigadora responsável, através do email catarinapaulo2@gmail.com ou o orientador responsável, através do email joao.moreira@campus.ul.pt.

Pretende-se que responda de forma espontânea e sincera, escolhendo a resposta que melhor se aplica a si, não havendo respostas certas ou erradas. Ao prosseguir, garante que tem 18 anos ou mais, concorda com as informações acima referidas e aceita colaborar voluntariamente neste estudo.

Muito obrigada pela sua participação.

Anexo B: Questionário sociodemográfico

1 - Sexo:

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino
- ☐ Outro

2 - Idade:

3 - Grau de Escolaridade:

- ☐ Ensino Primário (1º - 4º ano)
- ☐ 2º Ciclo (5º e 6º ano)
- ☐ 3º Ciclo (7º - 9º ano)
- ☐ Ensino Secundário (10º - 12º ano)
- ☐ Licenciatura
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutoramento

4 - Estatuto Relacional:

- ☐ Não está atualmente envolvido(a) numa relação amorosa
- ☐ Relação de namoro sem coabitação
- ☐ Casado
- ☐ Relação de coabitação

5 - Já esteve envolvido(a) em pelo menos um relacionamento amoroso?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Nota: Esta questão só é apresentada se na questão 4 a pessoa tiver selecionado a opção “Não está atualmente envolvido(a) numa relação amorosa”

6 – Indique a duração da sua relação atual

Nota: Esta questão só é apresentada se na questão 4 a pessoa tiver selecionado “Relação de namoro sem coabitação” ou “Casamento” ou “Relação de Coabitação”

Anexo C: Questionário acerca da experiência anterior com infidelidade

7 - Tem conhecimento de que o/a seu/sua parceiro/a atual ou algum/alguma das/os suas/seus parceiras/parceiros anteriores lhe foi infiel?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Nota: Esta questão só é apresentada se na questão 4 a pessoa tiver selecionado “Relação de namoro sem coabitação” ou “Casamento” ou “Relação de Coabitação” ou se tiver respondido “Sim” na questão 5.

8 - Como descobriu acerca da infidelidade? (Assinale todas as opções que se lhe aplicam)

- ☐ Através de outra pessoa, *i.e* alguém me contou
- ☐ Descobri acidentalmente o/a meu/minha parceiro/a a ser infiel
- ☐ O/a meu/minha parceiro/a contou-me porque o/a confrontei
- ☐ O/a meu/minha parceiro/a contou-me sem que eu a/o questionasse sobre isso
- ☐ Outro
 - ☐ Como?

Nota: As questões 6, 7 e 8 só são apresentadas se a pessoa tiver respondido “Sim” na questão 7.